

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM  
PATRIMÔNIO CULTURAL

Isadora Bispo dos Santos

**NEGROSUL: CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NA  
CONTRAMÃO DO RACISMO: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO,  
RESISTÊNCIA E PATRIMÔNIO DO POVO NEGRO**

Santa Maria, RS

2022

Isadora Bispo dos Santos

**NEGROSUL: CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NA CONTRAMÃO DO  
RACISMO: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO, RESISTÊNCIA E PATRIMÔNIO DO  
POVO NEGRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Gilvan Veiga Dockhorn

Santa Maria, RS

2022



Santos, Isadora Bispo dos  
NEGROSUL: CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NA CONTRAMÃO DO  
RACISMO: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO, RESISTÊNCIA E PATRIMÔNIO  
DO POVO NEGRO / Isadora Bispo dos Santos.- 2022.  
76 p.; 30 cm

Orientador: Gilvan Veiga Dockhorn  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2022

1. CTG'S Negros 2. Movimento Tradicionalista Gaúcho  
(MTG) 3. Segregação 4. Oralidade I. Veiga Dockhorn,  
Gilvan II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ISADORA BISPO DOS SANTOS, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Isadora Bispo dos Santos**

**NEGROSUL: CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NA CONTRAMÃO DO  
RACISMO: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO, RESISTÊNCIA E PATRIMÔNIO DO  
POVO NEGRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Patrimônio Cultural**.

**Aprovada em 18 de março de 2022:**

---

Prof. Dr. Gilvan Veiga Dockhorn (UFSM)  
(Presidente/Orientador)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Rita Py Dutra

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Giane Vargas Escobar

---

Prof. Dr. Marcelo Ribeiro (UFSM)  
(Suplente)

Santa Maria, RS  
2022

Dedico este trabalho a todas e todos que vieram antes de mim, que sobreviveram a cruel travessia do Atlântico, preservaram nossa cultura e costumes, nosso sentir, pensar e cuidar, meus ancestrais negros!

Dedico as mulheres negras que me ensinaram os legados da tradição, Iya Oba Biyi (Mãe Aninha), *Mãe Bada*, *Mãe Senhora*, *Mãe Ondina*, *Mãe Stella (Vovó)*, *Bernadina Bispo*, *Idalina Rios*, Malu Viana, Oba Terê e Tia Joca.

Dedico as Comunidades de Terreiro, berços da minha percepção de tradições ancestrais: Ilê Axé Opô Afonjá e Ilê Axé Opô Oxogunlade.

Aos Povos Negro Gaúcho, aos CTGs Negros: Clareira da Mata e Ronda Crioula.

E todos aqueles e aquelas que tenho o compromisso de cuidar e transmitir nosso legado, às minhas filhas Branca Rosa e Cecilia, meus sobrinhos, sobrinha e a quem mais vier.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- Exu, Oxum, Ogum, Oya, Xangô e Oxossi, orixás guias do meu existir;
- Ao meu Babalorixá Ogum Torikpê;
- Minha vó Maria Tereza, inspiração de bravura e persistência na vida;
- Ao meu pai (in memorian) Erivaldo Santos e minha mãe Ivana Bispo;
- Minhas Mães Criadeiras - Piedade, Nidinha, Ditinha e Jane;
- As minhas filhas Branca Rosa e Cecília Bispo, grandes motivações para seguir em frente;
- Ao meu companheiro de escrita Lazie Lopes, amigo incansável e insistente de escrita;
- As minhas irmãs e irmãos: Tereza Rachel, Erivaldo Júnior, Isabela e Rafael Bispo;
- Aos meus irmãos e irmãs de Axé;
- A Universidade Federal de Santa Maria;
- Ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural;
- Ao meu orientador e antirracista de prática, Professor Gilvan Veiga Dockhorn, intelectual relevante e parceiro;
- Ao CTG Clareira da Mata e CTG Ronda Crioula, sujeitos desta pesquisa;
- A Cidade de São Sepé e Caçapava do Sul pelo acolhimento;
- Aos amigos e amigas que não me deixaram esmorecer: Edilson Ribeiro, Ângela Souza e Cátia Cilene Dutra;
- A todo povo Negro do Sul.

Modupé!

(Obrigada)

## SOU

Sou a palavra cacimba  
pra sede de todo mundo  
e tenho assim minha alma:  
água limpa e céu no fundo.

Já fui remo, fui enxada  
e pedra de construção;  
trilho de estrada-de-ferro,  
lavoura, semente, grão.

Já fui a palavra canga,  
sou hoje a palavra basta.  
E vou refugando a manga  
num atropelo de aspa.

Meu canto é faca de charque  
voltada contra o feitor,  
dizendo que minha carne  
não é de nenhum senhor.

Sou o samba das escolas  
em todos os carnavais.  
Sou o samba da cidade  
e lá dos confins rurais.

Sou quicumbi e Moçambique  
no compasso do tambor.  
Sou um toque de batuque  
em casa gege-nagô.

Sou a bombacha de santo,  
sou o churrasco de Ogum.  
Entre os filhos desta terra  
naturalmente sou um.

Sou o trabalho e a luta,  
suor e sangue de quem  
nas entranhas desta terra  
nutre raízes também.

(Oliveira Silveira)



## **RESUMO**

### **NEGROSUL: CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NA CONTRAMAÇÃO DO RACISMO: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO, RESISTÊNCIA E PATRIMÔNIO DO POVO NEGRO**

AUTOR: Isadora Bispo dos Santos  
ORIENTADOR: Prof. Dr. Gilvan Veiga Dockhorn

A presente dissertação, *Negrosul: Centro de Tradições Gaúchas na contramação do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro*, é apresentada no Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria/RS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural. A questão norteadora da pesquisa é por que razões um grupo de cidadãos negros decidiu criar entidades tradicionalistas no centro e no pampa do Rio Grande do Sul? O objetivo geral é resgatar e reconstituir a trajetória dos CTGs Negros Ronda Crioula no município de São Sepé e o CTG Clareira da Mata no município de Caçapava do Sul. Objetivos específicos: destacar a trajetória de cada CTG, relacionando com a história do município em que o mesmo está inserido; construir um banco de memórias de pessoas envolvidas no processo de criação dos CTGs; elaborar um documentário como produto final da pesquisa e sobre a história dos CTG's envolvidos na pesquisa e, por fim, identificar os CTGs Negros como espaços de manutenção e preservação de memória e cultura gaúcha e das entidades tradicionalistas enquanto espaços de patrimônio cultural do Rio Grande do Sul. No O viés metodológico foi usada a pesquisa qualitativa e a história oral, este último por ser um método que tem relação com a oralidade, importante fator de transmissão da cultura e de informações por gerações na Cosmologia Negra e Africana, o mesmo se constitui a partir de entrevistas gravadas que resultam no Documentário *NegroSul: Centro de Tradições Gaúchas na contramação do racismo, espaço de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro*.

**Palavras-chave:** CTG's Negros. MTG. Racismo. Segregação. Oralidade.

## **ABSTRACT**

### **BLACK SOUTH: CENTER OF GAUCH TRADITIONS IN CONTRACTION OF RACISM: SPACES OF AFFIRMATION, RESISTANCE AND HERITAGE OF THE BLACK PEOPLE**

AUTHOR: Isadora Bispo dos Santos

ADVISOR: Prof. Dr. Gilvan Veiga Dockhorn

The research presents the perspectives for recognition of the Centro Tradicionalistas Gaúchos Negros within the scope of the Traditionalist Gaúcho MTG Movement and in the society of the State of Rio Grande do Sul in view of the cultural and social role that these entities developed during their trajectories. The guiding problem of this work concerns the investigation of the relevance of rescue actions, valorization and recognition of the participation of the black subject in the formation of the State and the struggle of these insurgent spaces against racism and segregation. The study is dedicated to the cases of CTGs Ronda Crioula in the municipality of São Sepé and CTG Clareira da Mata in the municipality of Caçapava do Sul, both founded during the 70s. Therefore, the objective of this research is to reconstruct the trajectory of CTGs Negros Ronda Crioula and Clareira da Mata, traditionalist entities, as spaces of the cultural heritage of Rio Grande do Sul, in addition to bringing the specifics of these two centers. The methodological bias will be that of oral history, as it is a method that is related to orality, an important factor that transmits culture and information for generations in Black and African Cosmology.

**Keywords:** Black CTG's. MTG. Racism. Segregation. Orality.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Elio Lopes com crianças do CTG .....	36
FIGURA 2 - Fachada da 1ª Construção de Alvenaria do CTG Clareira da Mata .....	37
FIGURA 3 - Fachada CTG Clareira da Mata.....	37
FIGURA 4 - Patronagem feminina.....	40
FIGURA 5 - Folder Curso de Artesanato -Guasqueiro .....	42
FIGURA 6 – Ilo Lopes segurando a rédea do cavalo .....	44
FIGURA 7 – João Batista (a frente segurando chapéu) e ao fundo do lado esquerdo o Patrão Nilson Itario Almeronn (camisa preta e laço branco no pescoço) .....	45
FIGURA 8 – 1º Desfile CTG Ronda Crioula .....	46
FIGURA 9 - Corpo da Patronagem .....	47
FIGURA 10 - Corpo da Patronagem, juntamente com prendas e mulheres que aturam junto a fundação do CTG .....	47
FIGURA 11 - Fachada de entrada e Fachada Lateral do CTG Ronda Crioula .....	49
FIGURA 12 - Retrato Ofélia Lopes.....	50
FIGURA 13 -Tio Mino com a Gaita.....	51
FIGURA 14 - Invernada Tio Mino 1980 e 2016 .....	52
FIGURA 15 – Esquema metodológico da pesquisa .....	61
FIGURA 16 - Capa de Mídia do Documentário Negrosul.....	63
FIGURA 17 - Imagem de Gravação: Entrevista com Ofélia Lopes no CTG Ronda Crioula.....	65
FIGURA 18 - Imagem de Gravação: Entrevista com Sr. Ilo na Estância do Jacu-São Sepé-RS.....	66
FIGURA 19 – Imagem de Gravação com João Batista durante gravação no município de Caçapava do Sul.....	67

## SUMÁRIO

	<b>PRÓLOGO</b> .....	12
1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
2	<b>ESPAÇOS NEGROS QUE RESSIGNIFICAM E CONSTITUEM HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA</b> .....	24
3	<b>CTG's NEGROS: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO, RESISTÊNCIA AO RACISMO NO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO</b> .....	30
3.1	CTG CLAREIRA DA MATA.....	34
3.2	POR NOSSAS ORIGENS NATIVAS E TRADICIONALISTAS NASCEU O CTG RONDA CRIOLA.....	43
4	<b>CTG'S NEGROS E O ELO ENTRE A COSMOPERCEÇÃO DE MATRIZ AFRICANA E O TRADICIONALISMO - PATRIMÔNIOS GAÚCHOS</b> .....	53
5	<b>METODOLOGIA</b> .....	58
6	<b>NEGROSUL: O DOCUMENTÁRIO</b> .....	63
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
	<b>ANEXO A – BRASÃO CTG RONDA CRIOLA – SÃO SEPÉ</b> .....	73
	<b>ANEXO B – BRASÃO CTG CLAREIRA DA MATA – CAÇAPAVA DO SUL</b> ...	74
	<b>ANEXO C – ENCARTE DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA REALIZADA PELO CTG RONDA CRIOLA – SÃO SEPÉ</b> .....	75
	<b>ANEXO D – ENCARTE DA PROGRAMAÇÃO DA SEMANA FARROUPILHA REALIZADA PELO CTG RONDA CRIOLA – SÃO SEPÉ</b> .....	76

## PRÓLOGO

"Ìyá mi, Asesé!  
Baba mi, Asesé!  
Olórun un mi Asesé o!  
ki ntoo bò orisá à è."

"Minha mãe é minha origem!  
Meu pai é minha origem!  
Olórun é minha origem!  
Consequentemente, adorarei minhas origens antes de qualquer  
outro orisá."

Início aqui apresentando quem eu sou, aqui do local da minha fala:

Sou uma mulher negra nordestina de Matriz Africana, nascida no estado de Sergipe, aprendi desde de cedo que riqueza eu não tinha, mas tinha toda história dos meus ancestrais negros com seus saberes e fazeres.

Por isso, antes de dissertar, preciso pedir Agô<sup>1</sup> para minha ancestralidade negra, para Exu, o grande mensageiro da minha essência espiritual, Agô a Ogum, dono dos meus caminhos e que me trouxe aqui, ao Rio Grande Sul, Agô a Osun e Oya, donas do meu ori<sup>2</sup>, Agô!

Nasci no estado de Sergipe, na cidade de Aracaju, no ano em que foi convocada a Assembleia Nacional Constituinte, pelo então presidente José Sarney.

Na minha infância via um programa de televisão a cores por uma mulher loira de olhos azuis, ela dizia que era nascida na cidade de Santa Rosa, estado do Rio Grande do Sul, explicou que ela era gaúcha. Também deste estado eu e meu povo nordestino ouvíamos falar das cidades de Gramado e Caxias do Sul, ouvíamos falar das imigrações italianas e alemãs. Naquela época eu nem imaginava que existiam negros e índios no Rio Grande do Sul.

A luta em busca por igualdade sempre foi presente na minha casa, desde a minha infância, meu pai se integrava a vários movimentos nacionais sindicalistas, discussões políticas e culturais sempre estiveram presentes na minha formação.

Na juventude eu já fazia parte de vários movimentos sociais, principalmente o movimento negro, que me levou a conhecer pessoas de todo o país. Aos 18 anos fui

---

<sup>1</sup> Palavra de origem iorubá, pedido de licença para movimentos de entrada, saída, passagem etc.

<sup>2</sup> Palavra de origem iorubá, que significa literalmente cabeça, refere-se a uma intuição espiritual e destino.

morar na cidade de Brasília, onde trabalhei junto à Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), foi lá que conheci várias e vários intelectuais negros, incluindo, Abdias Nascimento, Matilde Ribeiro, Samuel Vida e o gaúcho Oliveira Silveira, este me contou um pouco da história do negro gaúcho, da luta deste povo para ser reconhecido e, de forma emblemática, me disse: “Tem negro no Sul! Desde de 1725”.

A questão do etnocentrismo está presente em qualquer cultura. Na medida em que você é socializado, você recebeu uma carga cultural muito grande, e você vai olhar o mundo através dessa perspectiva crítica (Lélia Gonzalez).

A quebra da imaginação eurocêntrica que eu mantinha em relação ao Rio Grande do Sul foi quebrada por Oliveira Silveira, que de certa maneira revela a extensão do racismo estrutural que temos no Estado Brasileiro, mostrando o que o Sul queria apresentar para fora dele.

Segundo Ogum Torikpê, meu Babalorisá<sup>3</sup>, “o que tem que ser traz força!” E quis o meu Odu<sup>4</sup> que eu viesse, no ano de 2009, em detrimento de um casamento com um gaúcho, morar no Rio Grande do Sul.

Esses anos me mostraram na pele todas as belezas e riquezas da cultura gaúcha, principalmente da cultura negra e indígena. Tive contato com o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, fundado pela família do meu marido, Lazie Lopes.

A família Santos e Lopes tem como atual referência patriarcal, meu sogro o Sr. Ilo Lopes, descendente de índios, negros e brancos, filho de um negro - Felisberto Lopes -, Vô Beto, e de uma mulher branca, Cecília Silveira, criado por um casal de pessoas brancas, Vô Bibó e Vó Cota, esta última conhecida na cidade de São Sepé como uma grande benzedeira. Já a referência Matriarcal, pelo lado da minha sogra, a D. Ofélia Santos Lopes, filha de João Brasiliano dos Santos que tinha como apelido *João Raposa* e Idalina Rios dos Santos, Vô João, que era filho de Adão Rafael dos Santos (*Adão Jacu*) e *Maria Dalmazia*, estes descendentes diretos de escravizados.

Através dessa família tive a felicidade de ser apresentada a um CTG Negro, o CTG Ronda Crioula. Ao entender o porquê de um CTG Negro, fiquei conhecendo um pouco da façanha negativa que o estado gaúcho carregava. Neste momento lembro-

---

<sup>3</sup> Nome dado ao chefe espiritual e administrador da casa, responsável pelo culto aos orixás no candomblé.

<sup>4</sup> Palavra de origem iorubá, que significa presságios, destinos, predestinação.

me de Abdias Nascimento que dizia: “A história do Brasil é uma versão concebida pelos brancos e para os brancos, exatamente como toda sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar têm sido usurpada da maioria da população para benefício exclusivo de uma elite minoritária brancaoide, presumidamente de origem europeia.”

O pensamento de Abdias foi aguçado ainda mais no momento em que tornei-me mãe de uma gaúcha, atuei para que ela crescesse em um ambiente referendado por sua ancestralidade, agora afro-nordestina e afro-gaúcha, procurei por publicações e artigos que contassem as histórias desses dois povos no Brasil. Lendo as histórias de guerras e conquistas, percebi que havia algo em relação ao povo gaúcho, haviam silenciamentos históricos, e haviam omissões nas narrações que contextualizavam os heróis.

De acordo com o ativista negro Martin Luther King. Jr., “nossas vidas começam a acabar no dia em que nos calamos sobre as coisas que importam”.

Diante disto, em forma de agradecimento ao povo negro gaúcho que aqui me acolheu, resolvi vivenciar a fundo essa cultura, principalmente a cultura dos CTG’s, base da cultura da família paterna da minha filha.

Perguntada do porquê de uma nordestina estudar CTG’s respondi: “Uma nordestina e negra, sim, irá estudar sobre este tema, pois quero que além da minha filha, todas as crianças negras tenham direito de conhecer os verdadeiros heróis da história!”

Assim, desde lá, venho enfrentando uma dura caminhada acadêmica na busca de trazer para este espaço a contribuição de uma parcela importante de pessoas e sujeitos que fazem parte de uma comunidade que resiste à invisibilidade e à insensibilidade.

Aqui estou! E diante do Povo Negro do Sul e toda ancestralidade negra, aos Povos de Matriz Africana, do Batuque, do Candomblé, da Umbanda, aos Clubes Sociais Negros e aos CTG’s Negros, Agô!

## 1 INTRODUÇÃO

Que importa do nauta o berço,  
 Donde é filho, qual seu lar?  
 Ama a cadência do verso  
 Que lhe ensina o velho mar!  
 Cantai! que a morte é divina!  
 Resvala o brigue à bolina  
  
 Como golfinho veloz.  
 Presa ao mastro da mezena  
 Saudosa bandeira acena  
 As vagas que deixa após.  
 (Castro Alves)

A presença da população negra no Estado do Rio Grande do Sul se dá desde 1725, iniciando com a população advinda da diáspora africana, como escravizados (TORRES, 2008). Marco importante neste processo é a fundação do Forte Jesus-Maria-José na atual cidade de Rio Grande, em 1737, responsável pela vinda de um considerável contingente de escravos para o Rio Grande do Sul (FAGUNDES, 2010).

Da participação no processo de produção das Charqueadas à situação pós-abolição, a população negra esteve presente construindo e colaborando em momentos importantes da história e da formação do Rio Grande do Sul, quer na economia, na cultura e em questões políticas, como nos conflitos armados em que o estado esteve envolvido, a exemplo dos lanceiros negros durante a Revolução Farroupilha e na Guerra do Paraguai, onde lutaram no lugar ou junto aos homens brancos.

Apesar da presença marcante da população negra na construção do estado gaúcho, as variadas manifestações erigidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) no processo de construção do imaginário e da identidade do gaúcho, na monumentalização e patrimonialização de um passado idealizado, remetem a este território enquanto algo hegemonicamente branco, invisibilizando a participação de negros e indígenas. Oliven (1996) faz uma reflexão em face do imaginário do “gaúcho”, que assim diz:

[...] a tradição e a história regional tendem a representar seu habitante através de um único tipo social: o gaúcho, o cavaleiro, e o peão de estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul. Embora brasileiro, ele seria distinto de outros tipos sociais do país, guardando às vezes mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai. Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura



do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (OLIVEN,1996, p.18).

Este imaginário trazido pelo autor, corrobora com a concretização do homem gaúcho e seu meio, e aparece como base das ações no cotidiano dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), que buscam preservar e divulgar um passado e uma cultura idealizada; contudo, historicamente, a população negra não participa deste passado e desta cultura, a não ser caricatamente ou marginalmente e participa menos ainda do cotidiano dos e nos CTGs, estes enquanto espaços de socialização. Em suas atividades, ritos e efemérides, os CTGs reproduziam a segregação do sistema rural gaúcho, sendo vedada, veementemente, a presença do sujeito negro, afirmando-se a reprodução de um ambiente de total discriminação e racismo.

Apesar desta exclusão, a população negra, dotada de noção de pertencimento ao território gaúcho, vinculados a tradição do culto à natureza e ao campo, o qual também tem ligação com sua ancestralidade de origem africana, criaram, nesta perspectiva, suas próprias entidades negras como forma de resistência, fundando os Centros de Tradições Gaúchas Negros - CTGs Negros.

Sendo assim, o tema desta pesquisa é baseado nas perspectivas de reconhecimento destes Centros, que deram grande contribuição a formação cultural do Rio Grande do Sul, por parte destas entidades representativas do Movimento Tradicionalista, assim como, pela sociedade gaúcha, evidenciando-os como espaços de patrimônio cultural e de resistência da população negra, fazendo e tecendo a história gaúcha diferente de viés crítico e não laudatória, que agregue efetivamente as várias culturas que a formaram.

O problema norteador desta pesquisa diz respeito ao entendimento das razões (o por quê?) que levaram um grupo de cidadãos negros a criarem entidades tradicionalistas; os objetivos (o para quê?) da agremiação e as estratégias usadas (o como?) para consolidarem seus planos.

Portanto, o objetivo deste trabalho está em resgatar e reconstituir a trajetória de CTGs Negros, especificamente os CTGs Negros Ronda Crioula no município de São Sepé e CTG Clareira da Mata no municípios de Caçapava do Sul, entidades tradicionalistas, enquanto espaços do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, insurgentes contra o racismo no Movimento Tradicionalista Gaúcho, ambos fundados durante a década de 70.

Nessa perspectiva, será dado destaque a trajetória de cada CTG, fazendo uma relação com a história de cada município onde estão localizados, além de construir um banco de memória de pessoas envolvidas no processo de criação dos CTGs, com a finalidade de subsidiar a elaboração de um documentário sobre a história das agremiações e, por fim, identificar os CTGs Negros como espaço de manutenção e preservação de memória e cultura gaúcha.

Por tratar-se de uma discussão da qual a academia dedicou pouca atenção<sup>5</sup>, encontra-se poucas produções acadêmicas, portanto, há escassas referências, assim, esta pesquisa surge como um veículo de contribuição frente a produção do conhecimento em uma área específica e para a sociedade gaúcha como um todo. Neste sentido, o recurso da linguagem cinematográfica, via documentário, o qual se propõe trazer esta pesquisa, na produção e registros de memória e saberes históricos, são encarados quanto ao seu poder de abrangência, possibilidade de interação com o público-alvo e receptividade, bem como, como forma de ressaltar a memória e a história. Que, conforme Lins e Mesquita:

Se nos anos posteriores à ditadura as imagens televisivas continuaram mostrando um Brasil harmonioso, rico, branco, saudável, higienizado, em imagens estáveis, enquadradas de boa qualidade, coube ao documentário se voltar para grupos urbanos até então praticamente invisíveis nesta produção audiovisual: a população carcerária, os moradores de rua e de favelas, pivetes e mendigos, prostitutas, trabalhadores do lixo (LINS; MESQUITA, 2008, p. 44).

Nesta ótica, ao trazer a linguagem de documentário como produto final deste trabalho, também se alia a proposta de reconhecimento dos CTGs Negros no Sul do Brasil, perante o uso desta ferramenta, configurando-se enquanto disseminador amplo na construção sociocultural, como elemento transformador da sociedade e recurso didático para reinterpretação das relações histórico-sociais de forma bastante atrativa, uma vez que houve uma ampliação no acesso aos recursos midiáticos.

---

<sup>5</sup> A presente informação está embasada na pesquisa em duas bases de dados, Portal/ Acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Google Acadêmico, com a palavra-chave CTGs negros, sendo localizado apenas um texto sobre a temática na plataforma do Google Acadêmico, outras chaves de busca foram aplicadas: movimento tradicionalista; CTG; entidade tradicionalista, estas remeteram a trabalhos ligados ao movimento tradicionalista gaúcho, mas sem referência a presença negra nestes espaços. Por conseguinte, refinou-se as palavras-chave para: negro e movimento tradicionalista e, o negro no tradicionalismo, remetendo a zero artigos localizados.

Na busca de entendimentos sobre a origem do tema proposto, fazemos uma, reflexão sobre o grande mito de liberdade idealizado pelo dia 13 de maio de 1888, o qual abolia a escravidão no Brasil, nos deparamos com o fato de que não foi pensado em meios alternativos para a sobrevivência e permanência do negro que continuou sofrendo com as variadas discriminações e preconceitos, sendo uma delas o apagamento da história em todos os cenários do sujeito afrodescendente no Brasil. De acordo com Monti:

È difícil afirmar o número, tribos e procedências do negro entrado no Brasil, pois sabe-se que as estatísticas são falhas, quando não contraditórias. È isso uma triste realidade, pois, ao se extinguir a escravidão no Brasil, houve um movimento de cunho romântico no sentido de apagar essa mancha de nossa história. O meio usado para isso constitui-se num decreto e numa circular. O decreto é de 14 de dezembro de 1890, expedido pelo então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, e a circular de número 29, de 13 de maio de 1891, de Tristão de Alencar Araripe, mandando queimar todos os documentos referente à escravidão. Se a intenção foi boa, o prejuízo histórico foi incalculável, pois os poucos documentos que se salvaram não possibilitaram jamais a reconstituição fiel e precisa de uma tão larga faixa de nossa história. (MONTI, 1985, p.31).

O prejuízo mencionado pela autora reflete em variadas áreas, inclusive a cultural, a qual exclui do imaginário histórico brasileiro a relevante colaboração de mão negra. O que se tinha como ideal de movimento romântico, no sentido de apagar a história dos horrores da escravidão, na verdade trouxe consequências drásticas para a consolidação da história do negro no Brasil e, principalmente, no Rio Grande do Sul.

Mesmo frente a esta conjuntura, segundo Gilberto Freyre (1998), apesar do suposto domínio europeu, a formação da cultura foi influenciada pelos povos que aqui estavam, bem como pelos africanos, presentes desde o primeiro século da colonização:

A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de "raça" e de "religião" do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização social que às vezes contrariam não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico (FREYRE, 1998, p.12).

Frente a esta perspectiva, no Brasil, a europeização estabelecia o perfil físico e sociocultural no país, conseqüentemente, a visão elaborada do panorama sociocultural não incluía o povo negro, pois tudo que advinha destes era considerado negativo: sua cor, sua raça e sua cultura.

Santos e Menezes (2015) destacam que, mesmo após a Lei Áurea, o modelo europeu de figura e tradições humanas ainda imperava e os povos africanos e seus descendentes não puderam voltar para suas terras:

Não foram indenizados pelo crime cometido com seu povo, nem tiveram seus direitos fundamentais reconhecidos. Vítimas do racismo e preconceito, restou aos descendentes dos escravizados refugiarem-se em morros, subúrbios periféricos e quilombos urbanos. Para eles só restava a sua reorganização de vida naquela nova pátria e resistir diante da negação dos seus direitos frente ao estado naquele período (SANTOS; MENEZES, 2015, p. 249).

Nesse sentido, a reorganização pós-abolição, em solo gaúcho, elucida a **justificativa** deste trabalho, ou seja, a relevância da participação do Sujeito NEGRO na formação do estado do Rio Grande do Sul, assim como, dos CTGs, o Ronda Crioula e o Clareira da Mata se fazem presente na construção de uma contra hegemonia para fazer frente ao conservadorismo e ao racismo, no seio de um dos Movimentos mais importantes do estado. Desta maneira, cumpriram e ainda exercem papel histórico de suma importância na (des)construção ou construção do território gaúcho enquanto espaço diverso. Tendo como fio condutor a perspectiva destas entidades, apresenta-se a narrativa deste passado através da ótica da população negra contando a versão da história pelo viés e ótica da população negra no Rio Grande do Sul.

As Charqueadas, fonte de desenvolvimento econômico predominante na economia do Rio Grande do Sul em um determinado período histórico, caracterizava-se pela produção da carne bovina em charque, a qual era enviada para outros estados do Brasil e até exportada para Havana, em Cuba (TORRES, 2008). Tinham com principal veículo de produção a mão de obra escravizada que, conforme destaca Escobar (2010), estes:

Trabalhavam incessantemente, em duras tarefas especializadas, semiespecializadas e não-especializadas, 16 horas e mais horas diárias, com apenas breves interrupções, embalados pelo chicote do capataz e pequenas canecas de aguardente. Nas poucas horas de repouso noturno, eram encerrados nas sinistras senzalas (ESCOBAR, 2010, p. 51).

Portanto, para além do cerne desta pesquisa, que diz respeito à relevância e a influência do negro no estado do Rio Grande do Sul, como parte componente da sua formação, tendo como fio condutor a história e o papel desempenhado por duas das entidades tradicionalistas fundadas por negros, é oportuno remeter-se a resistência

ao mito da democracia racial que, conforme Escobar (2010), viceja no imaginário nacional. A ideia da democracia racial, ou hegemonia cultural racial, propõe perceber o Rio Grande do Sul (RS) como um estado branco, onde praticamente não existiriam negros, ou que neste lugar a escravidão foi “mais branda”, corroborada pelo mito da “democracia pastoril”.

A perversidade intrínseca neste pensamento da democracia racial e pastoril tem um fundo ainda mais ardiloso, uma vez que, em detrimento do enaltecimento da atuação europeia como principal esteio de desenvolvimento e construção do estado gaúcho, deram invisibilidade a história dos povos originários, no caso dos indígenas e dos negros oriundos da diáspora africana.

Ademais, para além desta invisibilidade frente a democracia racial e pastoril, os negros foram vítimas de um dos golpes mais vil da história do Rio Grande do Sul e da Revolução Farroupilha,

No final da Revolução Farroupilha, o general farrapo David Canabarro teria feito um acordo secreto com o futuro Duque de Caxias, comandante das forças imperiais, traíndo o Corpo dos Lanceiros Negros, composto por ex-escravos. Ao desarmá-los, sabendo que as forças imperiais iriam atacá-los, Canabarro teria permitido o massacre ocorrido na batalha do Cerro de Porongos em 14 de novembro de 1844, no qual morreram 10% das tropas farrapas, a maioria delas composta por ex-escravos (OLIVEN, 2006, p. 70).

Frente a narrativa, é perceptível o local estrutural do racismo que permeia por todas as vertentes do cotidiano histórico do Rio Grande do Sul, onde aparecem como heróis aqueles que foram traidores, não sendo diferente dentro do contexto dos processos de construções sociais ligadas às Tradições Gaúchas, materializados nos espaços de preservação e, por consequência, de invenção deste passado.

Neste contexto de tradição, elucida Maciel (2005):

Quando a tradição passa a ser usada como um referencial, principalmente identitário, deve-se ter alguns cuidados. Essa não é uma discussão nova. Porém, em função da necessidade de preservação de um patrimônio que é coletivo, cabe verificar como se apresenta o uso da tradição em um caso particular, o movimento social conhecido como Gauchismo. Grosso modo, gauchismo é tudo aquilo que tem a ver com o gaúcho, ou seja, as manifestações e práticas culturais que possuem seu eixo na figura do gaúcho (MACIEL, 2005, p. 10).

Esse movimento cultural, denominado gauchismo, coaduna com um processo de tradição inventada, mesmo que, em linha cronológica histórica recente, refere-se a um passado através da imposição e repetição. Como explica Hobsbawm:

O Termo “tradição inventada, termo utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM, 2015, p. 7).

Nesse sentido, pensar o gauchismo, em sua totalidade, enseja o entendimento de participação de todos os atores, portanto, todos os povos que fizeram parte da estruturação do território gaúcho, geograficamente e culturalmente, porém, isto não pode ser afirmado diante da exclusão do povo negro no que concerne às “tradições gaúchas”.

Os negros estiveram presentes em momentos cruciais da construção do território gaúcho, tais como a formação do Forte Jesus Maria José, onde mais tarde seria fundada a cidade de Rio Grande, da mesma forma da Revolução Farroupilha, com os Heróis Lanceiros Negros, que tiveram bravura nas várias batalhas e, mesmo assim, foram enganados com a promessa da liberdade, fato conhecido como a Batalha de Porongos (CARVALHO, 2013).

Esta pesquisa busca problematizar o contexto do surgimento do Tradicionalismo Gaúcho enquanto objeto idealizado de preservação da história e cultura do povo do Rio Grande do Sul.

De acordo com Savaris (2016):

Em agosto de 1947, em Porto Alegre, eclodiu forte uma proposta de esperança de liberdade e o amor à terra tinha vez e lugar. Jovens estudantes, oriundos do meio rural, de todas as classes sociais, liderados por Paixão Côrtes, criam um Departamento de Tradições Gaúchas no Colégio Júlio de Castilhos, com a finalidade de preservar as tradições gaúchas, mas também de desenvolver e proporcionar uma revitalização da cultura rio-grandense, interligando-se e valorizando no contexto da cultura brasileira. Dentro deste espírito é que surge a criação da Ronda Crioula, estendendo-se do dia 7 ao dia 20 de setembro, as datas mais significativas para os gaúchos. Nessa oportunidade, Paixão recebeu o convite para montar uma guarda de gaúchos pilchados em honra ao herói farrapo, David Canabarro, que seria trasladado de Sant’Ana do Livramento para Porto Alegre. Paixão Côrtes, para atender o honroso convite, reuniu um piquete de oito gaúchos pilchados e, no dia 5 de setembro de 1947, prestaram a homenagem a Canabarro. Esse piquete é hoje conhecido como o Grupo dos Oito, ou Piquete da Tradição. Primeira semente que seria seguida no ano seguinte, na criação do “35” CTG (SAVARIS, 2016, p. 1).

Essas premissas apontam para um movimento que não atendia a interesses coletivos populares, mas sim a um determinado grupo social, que vai diretamente ao encontro de um projeto político, defendido com vistas para as futuras gerações.

Para Golin (1983), o movimento tradicionalista se constitui a partir de uma cúpula intelectual com as tarefas básicas de orientar a tradição e desapropriar o “popular”. Essa elite autoritária coordena as atividades tradicionalistas colocando os participantes na posição passiva de seguidores fiéis dos valores organizados pelos pensadores do movimento.

A partir da criação do “35” CTG, o estado do Rio Grande do Sul foi pulverizado pelo sentimento de pertencimento, centenas de Centros foram se espalhando pelo estado e pelo país, territorializando a cultura gaúcha, porém, neste processo, era esquecido o sujeito negro e sua contribuição para com o estado, tanto culturalmente quanto economicamente, basta ver a pujança econômica da Região de Pelotas durante o período das Charqueadas, onde o estado consegue grande desenvolvimento.

Entretanto, em razão da hegemonia branca, tanto cultural quanto econômica, os negros ficaram relegados sempre a um segundo plano no que concerne ao desenvolvimento do estado, o racismo institucional os empurrou para as periferias das grandes cidades, para o trabalho braçal das lavouras e da pecuária, continuando, de certa maneira, a estarem ligados ao imaginário e a materialidade das estâncias.

Este ideal imagético da fazenda fundou as bases do Movimento Tradicionalista Gaúcho, tanto que a organização administrativa dos CTGs reproduz a estrutura hierárquica das estâncias com patrão, peões, capatazes entre outros; este universo faz com que o surgimento destas entidades negras no seio do movimento tradicional, mas de natureza conservadora, se torne algo ímpar.

Frente a isto, firma-se a concepção desta pesquisa na fundação e existência de CTGs negros, sendo estes em torno de dez, distribuídos em regiões da Campanha ou em áreas limítrofes (KAISER apud OLIVEN, 2006). Neste ensejo, os CTGs negros são o aporte dos

Excluídos da organização social em seu município por serem não-brancos, onde estes buscaram uma organização própria que lhes permitissem o acesso à categoria regional de gaúcho e, através dela sua inserção na organização local (KAISER, 1996, p. 258).

O contexto de organização social, no qual os CTGs negros surgem, está associado diretamente a um processo de exclusão racial, Barbosa Lessa (1994) relata que,

No meu município natal, Piratini, tudo começou com o 20 de setembro, congregador; mas hoje também o Negrinho do Pastoreio, dos crioulos. Em todos os municípios, a unidade volta nos desfiles de 20 de setembro, durante a Semana Farroupilha. Por ocasião das disputas de Rodeios (gineteadas, tiros-de-laço, etc.) os negros bons domadores e bons laçadores costumam ser requisitados para integrarem a equipe representativa de CTGs de brancos. Acho que o maior fator de separação por cor reside na ala feminina dos CTGs, representada pelas mães; as mães não gostariam que suas filhas brancas estivessem com guris negros (BARBOSA LESSA, 1994, p. 255).

O racismo apresentado pelo autor se apresenta como elemento motivador desta pesquisa, em relação a criação dos CTGs Negros, indo ao encontro da observação frente aos dois CTGs abordados nesta pesquisa, ambos localizados na Região Centro do RS, o CTG Ronda Crioula do município de São Sepé, fundado em 1978, após um de seus membros ter seu acesso impedido a um baile tradicional gaúcho e, o Centro de Tradições Gaúchas Clareira da Mata, fundado em março de 1974 em Caçapava do Sul, com a finalidade de agregar uma parcela da população, que não frequentava as demais entidades por problemas econômicos, sociais e raciais.

Embora esses CTGs tragam consigo um elemento incomum para a fundação de suas entidades, a busca, por parte de seus membros, em alcançar o reconhecimento social e cultural da sua contribuição enquanto população negra gaúcha e com tradição, traz consigo o não fechamentos destes em si mesmos, tornando-se assim, uma grande referência para a população gaúcha ao abrir suas portas para todas e todos independente de raça, classe e credo, alcançando assim, conquistas de espaços a nível estadual e federal no momento em que articularam (e articulam) a realização de ações que buscam a melhorias das comunidades onde estão inseridos e onde também atuam.

Diante das histórias relatadas e das memórias através do depoimento e das testemunhas, entende-se, através da ótica dessas entidades, a natureza única e fomentadora do patrimônio negro dentro da história do tradicionalismo gaúcho, colaborando, desta maneira, para a idoneidade\equidade da História do Rio Grande do Sul, portanto, merecedoras do reconhecimento enquanto Patrimônio Cultural Gaúcho.

Dentro desta perspectiva, a legislação brasileira aponta o viés multicultural da sociedade, estabelecendo como patrimônio cultural os bens materiais e imateriais dos diferentes grupos que são considerados “formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988). Reforça-se este entendimento via Artigo 215 da Constituição,



estando explicitados dois grupos, os indígenas e os afro-brasileiros: “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (BRASIL, 1988).

Este trabalho surge como uma posição afirmativa no sentido de dar conhecimento tanto ao meio acadêmico quanto cultural através da divulgação da existência de outros processos dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho que não coadunam com a ideia do “Mito” do Rio Grande do Sul enquanto estado europeizado sem o reconhecimento das suas características negras e indígenas.

Conforme Alessandra Rodrigues Lima:

Ainda que o pensamento social tenha incluído a reflexão sobre os afro-brasileiros, a discussão nos diferentes períodos contempla nuances distintas da presença negra no país. Primeiro as teorias raciais europeias, mostrando os negros como membros de uma raça inferior e como fator de atraso da civilização brasileira. Os elementos culturais desse grupo foram estudados sob égide da ciência, como práticas inferiores, desprovidas de importância e entendidas como signo do primitivismo e da ignorância dos povos africanos e seus descendentes. Mais tarde, nos anos 30, a superação da ideia de raça como atributo determinante para o progresso da nação e a ascensão dos estudos de folclore, inaugura perspectivas mais otimistas em relação ao Brasil e contribui para o reconhecimento dos afrobrasileiros como produtores de cultura. Ainda que suas expressões culturais sejam inseridas em um quadro explicativo marcado por estigmas raciais e pelo desejo de branqueamento, foram produzidos nesse período os estudos mais importantes sobre trajetória dos negros no Brasil (LIMA, 2012, p. 35).

Assim sendo, cabe ressaltar a relevância para o desenvolvimento regional e nacional, com isto, pode-se argumentar que este projeto vem ao encontro da valorização da diversidade do Patrimônio Cultural Gaúcho em função da importância das entidades envolvidas e da sua representatividade em termos de temática, tanto no que concerne à cultura gaúcha quanto a sociedade, por trazer questionamentos para a lógica histórica do Rio Grande do Sul.

## **2 ESPAÇOS NEGROS QUE RESSIGNIFICAM E CONSTITUEM HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA**

A negritude trazia a marca da escravidão  
 Quem tinha a pele polianga vivia na escuridão  
 Desgarrado e acorrentado, sem ter direito a razão

Castrado de seus direitos não tinha casta nem grei  
 Nos idos de trinta e cinco, quando o caudilho era o rei  
 E o branco determinava, fazia e ditava a lei

Apesar de racional, vivia o negro na encerra  
 E adagas furavam palas, ensanguentando esta terra  
 Da solidão das senzalas tiraram o negro pra guerra

(Peleia, negro, peleia pela tua independência  
 Semeia, negro, semeia teus direitos na querência)

Deixar o trabalho escravo, seguir destino campeiro  
 As promessas de igualdade aos filhos no cativoiro  
 E buscando liberdade o negro se fez guerreiro

O tempo nas suas andanças viajou nas asas do vento  
 Fez-se a paz, voltou a confiança, renovaram pensamentos  
 A razão venceu a lança e apagou ressentimentos

Veio a lei Afonso Arinos cultivando outras verdades  
 Trouxe a semente do amor para uma safra de igualdade  
 Porque o amor não tem cor, sem cor é a fraternidade

(Peleia, negro, peleia com as armas da inteligência  
 Semeia, negro, semeia teus direitos na querência)<sup>6</sup>.

A letra da música “O Negro de 35” mostra um pouco da saga do povo negro, a luta por direitos humanos e sociais, tornando o negro guerreiro não por opção, mas sim pela necessidade de pôr fim às barbáries da escravidão. Neste diapasão, a estratégia era o fortalecimento coletivo, dando surgimento as mais variadas organizações, desde o período Brasil colônia até os dias atuais.

Esse processo organizativo não surge por acaso, conforme menciona Clovis Moura (1983), os grupos que se identificam, na sociedade de classe, por um estigma que essa sociedade lhes impôs podem, ao invés de procurarem fugir a essa marca, transformá-la em herança positiva e organizar-se através de um ethos<sup>7</sup>, criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram.

---

<sup>6</sup> O Negro de 35 - Rufino Aguiar e Clóvis de Souza.

<sup>7</sup> conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

A partir deste contexto observamos, na linha temporal dos povos negros do Brasil, no que tange a seus processos organizativos iniciais, a constituição das comunidades quilombolas, que perante insurreições e guerrilhas protagonizadas pelo povo negro, conquistaram determinados territórios, destacando-se o Quilombo de Palmares, liderado pelo rei de origem bantu: Zumbi, celebrado na experiência pan-africana do Brasil como primeiro herói do pan-africanismo (NASCIMENTO, 2016).

É perceptível as variadas formas exercidas pelo povo negro brasileiro de adaptação aos novos ambientes emergentes da época e na busca por justiça social, trazendo a relação de pertencimento aos novos contextos culturais, porém, sem perder suas essências ancestrais.

Nesta seara, devemos também trazer à luz desse texto a organização das Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, conhecidas também como Comunidade de Terreiro, Candomblé, Batuque, Umbanda, conceituadas no Art.3º, do Decreto 6.040/07, como grupos que possuem culturas diferentes da cultura predominante na sociedade e se reconhecem como tal, que se organizam de forma distinta, ocupam e usam territórios e recursos naturais para manter sua cultura, tanto no que diz respeito à organização social quanto à religião, economia e ancestralidade.

Tanto as Comunidades Quilombolas, hoje chamada de Comunidades Remanescente de Quilombo, quanto as Comunidades Tradicionais de Matriz Africana são exemplos de organizações do povo negro existentes até os dias atuais e que surgem diante da falta de alternativas e da resistência, ressignificação do espaço e preservação das identidades ancestrais trazidas pela diáspora africana. Essa premissa do resistir para o existir permeará todos os passos da população negra aqui estudada.

Com o passar do tempo, os processos de luta e resistência passaram a adquirir novas vertentes e configurações. Munanga e Gomes (2006) destacam como grandes organizações negras de resistência a Frente Negra e a Criação do Teatro Experimental do Negro, que tinha como liderança Abdias do Nascimento e trazia o teatro como expressão de arte aliada na manifestação política e o Movimento Negro Unificado-MNU, fundado na década de 70, em pleno processo de ditadura militar no Brasil, unia a participação de várias organizações negras com o objetivo de lutar contra o racismo e por democratização da sociedade, trazendo à tona a proposta de “consciência negra”, em pleno período de regime militar.

Em se tratando do Rio Grande do Sul, a presença dos povos africanos e seus descendentes estão fortemente atrelados com a própria história rio-grandense. O negro chegou a esta região na condição de cativo, trazido por expedições colonizadoras, interesses comerciais ou integrando tropas militares. Faziam o serviço braçal nas estâncias e nas cidades e, segundo o escritor Mário Maestri (2006), a presença do povo negro no estado do Rio Grande do Sul, em meados do século XIX, chegou a 40% de toda a população da província.

No âmbito das organizações negras afro-riograndenses, a historiadora Franciele Oliveira destaca que, no

Rio Grande do Sul, parte desta realidade, contou, também, com o trabalho de negros abolicionistas, homens e mulheres que defendiam o fim da escravidão, de modo que existe uma série de trabalhos que vem percebendo, especialmente a partir dos anos 1990, a existência de inúmeras organizações sociais e religiosas negras, tais como Irmandades, Sociedades Abolicionistas e Beneficentes, Clubes Sociais e imprensa negra, que operavam de forma a realizar, também, libertações, por meio da compra de cartas de alforrias e/ou apoio na efetivação das mesmas, promoverem críticas à escravidão e seus principais personagens/símbolos e amparo aos libertos (OLIVEIRA, 2017, p. 201).

As organizações negras citadas pela autora demonstram a especificidade em comum entre elas, as quais se constituíam sempre tendo como relevância principal os processos de libertação e esteio para aqueles e aquelas que se encontravam encontram as margens do esquecimento social, sobretudo, pela consequência da concepção histórica do estado do Rio Grande do Sul, a qual sustentava a ótica de branqueamento da cultura.

Esses processos conceptivos de população brasileira ou raça brasileira, advindo da classe branca detentora do poder, traçaram nas bases estruturantes os espaços de poder que, conforme Abdias Nascimento (2016), neste cerco fechado, o termo “raça” não aparece, mas é o arame farpado onde o negro sangra sua humanidade.

A perspectiva de análise trazida por Nascimento (2016) elucida a estratégia de produzir o controle social desviando o olhar da sua verdadeira realidade e das raças que constituíram o estado, sonogando à população negra seus direitos de identidade, inclusive, mancomunados ao Mito da Democracia Racial.

Ainda neste ínterim, Nascimento (2016) destaca que o objetivo não expresso dessa ideologia é negar ao negro a possibilidade de autodefinição, subtraindo-lhe os meios de identificação racial.

Devido a este cenário que os negros do Rio Grande do Sul se encontravam, é que se tornam ainda mais necessários os processos organizativos, como meio de contradizer a falácia cultural da brasilidade democrática, que não exhibe nas páginas das literaturas a participação efetiva do negro, a exemplo do Quilombo do Pastoril, sendo este um dos primeiros processos de organização do povo negro no cenário rio-grandense, também via comunidade quilombola que, segundo Knierim (apud MAESTRI),

os negros fugiam e se organizavam em quilombos nas campanhas, mas um tipo de quilombo é rapidamente e raramente é citado, o “Quilombo Pastoril”, localizados nas campanhas povoadas pelo gado chimarrão. Os negros abatiam o gado selvagem e extraíam o couro, os chifres e outros acessórios para vende-los aos aventureiros portugueses ou castelhanos. Abrigavam nos seus quilombos, brancos e índios, mas mantinham o controle da comunidade e do processo de produção. O gaúcho foi o tipo étnico e social produzido por tais quilombos (KNIERIM,2021 apud MAESTRI, p.19).

Da mesma forma, corroborando com o exposto do autor, além de uma estratégia de subsistência no sentido basilar, os negros do Quilombo Pastoril já dominavam técnicas pecuárias e organização comercial porém, estes foram segregados na pirâmide das classes sociais como os marginalizados, também chamados de “gaúchos ou gaudérios”.

Outra forma de organização de resistência do negro no Rio Grande Sul dá-se em face dos Clubes Sociais Negros que, como afirma Escobar (2010), surgiram como contraponto à ordem social vigente, vindo de encontro aos clubes brancos que não permitiam a entrada de negros em seus quadros sociais. Esses clubes se constituíam enquanto organizações não só para fins recreativos, mas também como espaços de articulações políticas dos negros, preservação cultural e guardiões de histórias negras.

Em relação ao conceito de Clube Social Negro, há uma definição transcrita na Ata da Reunião da Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros de 29 de fevereiro de 2008, da qual participava o poeta negro Oliveira Silveira (apud ESCOBAR, 2010, p. 61):

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio.

A síntese de entendimento envolto acima é bastante ampla em se tratando de espaços negros com suas diversidades e perspectivas de agrupamento enquanto espaços de convívio social, estas podem ter amparo nas recriações dos espaços sagrados e práticas culturais, a exemplo dos terreiros de matriz africana e barracões de carnaval, encaixando-se também dentro do conceito de Clube Social Negro, o que nos faz entender esta grande dimensão de organizações sociais negras existentes no Rio Grande do Sul.

Nos municípios em que esta pesquisa foi desenvolvida, destacamos a influência direta do Clube Recreativo Harmonia em Caçapava do Sul, fundado em 1971, e do Clube Visconde do Rio Branco, fundado em 1943, na cidade de São Sepé, ambos surgem em detrimento ao fato de que os negros não eram aceitos nos Clubes Sociais das cidades.

De acordo com um dos seus fundadores, Elpidio Menezes durante a entrevista<sup>8</sup> para essa pesquisa,

“Lá nos anos de mil 1943 é a notícia que se tem e que se sabe e que também tem reflexo até hoje que negros não participava em instituições, principalmente instituições da recreação, clubes sociais de branco, né? Foi em razão disso que entendemos que os clubes tinham que ter o seu clube, não é? Os negros, aliás tinha que ter o seu clube pra fazerem as suas festas, os seus as suas promoções sociais, religiosas, enfim.”

O impedimento de acesso por parte dos negros da época, consolidou o entendimento de que era necessária uma organização por parte dos negros, de certa maneira, atuando em movimento de contrapor a segregação imposta naquele período.

Esses clubes, mais tarde, serviram como modelo de organização de negros dentro do Tradicionalismo Gaúcho, os quais sofriam as mesmas práticas, agora protagonizadas pelos Centros de Tradições Gaúchas- CTG's, que calcados de preconceitos atuavam junto a práticas discriminatórias ao negarem não só o acesso, mas também as narrativas de participação dos negros na concepção do que seria o gaúcho. E foi nessa conjuntura de discriminação e negações de espaços que o negro gaúcho cria os seus próprios CTG's, os CTG's Negros.

Os capítulos a seguir trarão o foco na história de fundação, desafios enfrentados e conquistas alcançadas por negras e negros na construção destes espaços do que se entende como cultura tradicionalista gaúcha e a presença do

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada por Isadora Bispo, na cidade de São Sepé, no dia 19 de dezembro de 2021.

negro. Como solo de análise, o estudo buscou o aprofundamento histórico do CTG Negro Clareira da Mata no município de Caçapava do Sul e Ronda Crioula no município de São Sepé, ambos criados na perspectiva de dirimir desigualdades que norteavam a sociedade da época.

### **3 CTG's NEGROS: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO, RESISTÊNCIA AO RACISMO NO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO**

Antes de qualquer coisa, é importante entender o universo do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) a partir de aspectos muito peculiares: o gaúcho,

homem de vivência livre e do lugar de sua exelência, “o campo”, e das “Lidas” na área rural. Esta construção cultural vai se alimentando para produzir uma representação nas cidades, nos CTG's, seja nos rodeios ou nas danças tradicionais, seja na poesia ou na música, seja nas “Patronagens” ou diretorias destes centros, o campo e a organização das Estâncias sempre estiveram presentes.

Apesar da cultura gaúcha nativa ser influenciada pelo homem gaúcho, que tem aproximação com a natureza e o universo rural, o Movimento Tradicionalista Gaúcho é criado a partir da junção de alguns idealizadores na capital Porto Alegre. Estes colocam, no cerne do que viria a ser o conceito fundante do tradicionalismo riograndense e em toda sua estrutura, a nostalgia de quem por um motivo ou outro se afastou do campo e buscou refundar, em parte, o cotidiano rural, em especial, no espaço urbano.

Segundo ( Oliven, 1996, p.16),

Esse culto à tradição passou por diversos momentos. Começou em meados do século XIX, quando não existia mais a figura marginal desse gaúcho do passado, gradativamente transformado em peão de estância. Por volta de 1870 o Rio Grande do Sul experimentou modificações econômicas - com o cercamento dos campos, o surgimento de novas raças de gado e a ampliação da rede viária - que atingiram e modernizaram a Campanha, simplificando sua pecuária e eliminando certas atividades servis, como as dos posteiros e dos agregados, expulsos dos campos em grande número. A implantação de frigoríficos estrangeiros e a decadência das charqueadas gaúchas acentuaram esse processo a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, quando começou a aparecer o ‘gaúcho a pé’, expressão usada nos romances sociais de Cyro Martins.

No início do século XIX, o “Gaúcho” estava praticamente fora do contexto enquanto entidade/identidade no estado. Há de se reconhecer que antes do MTG Institucionalizado, conservador e absolutamente fixado em suas “leis” do que é ser Gaúcho, havia no estado processos marginais e distantes da área urbana que, de fato, consubstanciavam o gauchismo, aquele livre, errante, e onde estavam os peões, os tropeiros, os negros e os “pelos duros”<sup>9</sup>. Os “donos” de Estância não se denominavam gaúchos até bem pouco tempo, não usavam bombachas e outros apetrechos da cultura campeira. Portanto, a de se questionar a par da invenção de Paixão Cortês e seus colegas de escolas na capital, quem eram os gaúchos reais.

---

<sup>9</sup> Indivíduo com composição genética miscigenada composta por pelo menos uma etnia não branca.



A história do Movimento Tradicionalista Gaúcho pode ser contada a partir de vários momentos. Alguns reconhecem como ponto de partida a fundação do Grêmio Gaúcho, por Cezimbra Jacques, em 1889. Outros, a ronda gaúcha, no Colégio Julio de Castilhos, de 1947. Ainda há quem defenda como marco inicial a fundação do 35 CTG, em abril de 1948 ou a realização do 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1954, ou, ainda, a constituição do Conselho Coordenador, em 1959. Tenho comigo que, seja qual for o ponto de partida, o importante é que, em 1966, durante o 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado em Tramandaí, foi decidido organizar a associação de entidades tradicionalistas constituídas, dando-lhe o nome de Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG (MTG, 2022, s./p.).

Portanto, a reificação cultural representada pela criação do MTG é muito recente, a história do gauchismo é muito anterior, a problemática enfrentada quando discutimos a historicidade do tradicionalismo é o apagamento visível dos sujeitos formadores do território que não fizeram parte desta junção/criação artificial de um movimento que levou em parte a cultura meridional. Percebe-se inúmeras razões para que isto tenha sido levado a cabo, entre estas, obviamente, o racismo e a xenofobia, bem como a não compreensão, por parte dos fundadores do MTG, sobre o papel de negros e indígenas na constituição objetiva e subjetiva do território gaúcho.

Em parte, é este fato que levará ao surgimento de inúmeras entidades negras - Clubes e CTG's - no Estado do Rio Grande do Sul, que buscaram dar espaço as manifestações sociais da população negra, que tinha sua sociabilidade segregada ou apartada da população branca, o mito da europeização da população brasileira teve, no RS, um laboratório e uma defesa ideológica duradoura, com aval das elites criou-se uma narrativa de aqui só "existiram" pessoas brancas. Isto deixa claro que não seria um movimento conservador e paradoxal, fixo e inventado que iria percorrer um caminho diferente do hegemônico.

Os Clubes Sociais Negros no Rio Grande do Sul, a exemplo dos CTG's Negros, têm origem na segregação racial, onde a discriminação, o racismo e o preconceito impediam o direito à permanência dos negros nos mesmos espaços recreativos que os brancos.

Resta destacar que estamos falando de acontecimentos de um passado próximo, meados dos anos 70, século XX, ainda influenciado pelo pensamento eurocêntrico de supremacia branca, não considerando a contribuição do negro até os dias atuais para a cultura gaúcha, como menciona Knierim (2021):

Mesmo com a cruel narrativa da lenda do "Negrinho do Pastoreio", até o surgimento da "Nova História", corrente do pensamento historiográfico, historiadores do século XX como Jorge Salis Goulart, Arthur Ferreira Filho,

Manoelito de Ornellas, Moisés Vellinho, entre tantos, não incluíam a participação dos negros nas lidas campeiras das estâncias sulinas, utilizando-se dos mais absurdos argumentos sem uma devida documentação comprobatória, inclusive afirmando que o africano detinha pouca experiência e tradição para a prática do trabalho de pastoreio do gado (KNIERIM, 2021, p. 14).

Nesse contexto de exclusão do negro no tradicionalismo (institucional), torna-se inevitável a análise paradoxal da constituição das organizações negras no interior do MTG, fazendo-se necessária a análise do contexto identitário do negro em caráter inicial no solo gaúcho, que não teve outra opção a não ser a de se alinhar aos novos cenários culturais, porém, sem perder as identidades empíricas trazidas por sua ancestralidade de Matriz Africana.

Esse contexto é construído a partir de vários fatores e elementos, no qual a identidade proporciona a compreensão das predileções do indivíduo, e seu pertencimento a determinado espaço ou local, no qual a cultura faz-se presente, englobando várias simbologias, crenças e valores que fazem história (FREITAS; PERUCELLI, 2019). Sendo assim, a cultura em suas diversas abordagens corrobora para a definição dessa identidade.

Ainda nesta perspectiva de análise, Stuart Hall (1997) preconiza a representação enquanto processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro.

É a partir dessa premissa de representação de identidades que os negros gaúchos exerciam, e ainda exercem, a noção de pertencimento, calcadas no entendimento de que são parte, e de que colaboraram de forma direta nos costumes e tradições culturais do povo gaúcho, e isso não exclui as práticas tidas como tradicionalistas, muito pelo contrário, é devido a reparação e o reconhecimento ao povo que diretamente sempre esteve presente nas cenas do território gaúcho, em variados contextos, seja através dos Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha, nas charqueadas, nas forças armadas, na religiosidade, na música, na culinária ou na dança, que consubstancia o patrimônio fidedigno do Rio Grande do Sul.

Apesar disso, ao povo negro não era dado o direito de usufruir dos espaços hegemonicamente brancos nas esferas do CTG's, gerando a reação de resistir e criar suas próprias entidades, o CTG's Negros.

O antropólogo Jakzam Kaiser (1996) observa a presença territorial dos municípios onde os CTG's Negros encontram-se localizados, sendo sua presença mais concentrada na região do Pampa ou Campanha ou em suas áreas limítrofes, referência esta de suma importância pois, é justamente as regiões do gaúcho originário (o errante) e onde se destacam grandes episódios da Revolução Farroupilha.

De acordo com ele, existem pelo menos dez CTG's Negros no Rio Grande do Sul, sendo eles: CTG Clareira da Mata do município Caçapava do Sul, CTG Princesa Isabel do município de Santana do Livramento, CTG Crioulos do Ponche Verde do município de Dom Pedrito, CTG Galpão Crioulo do município de Canguçu, CTG Negrinho do Pastoreio do município de Piratini, CTG Lanceiros Negros de Canabarro do município de Alegrete, CTG Tio Lautério do município de Bagé, CTG "Os Caranchos" do município de Alegrete, CTG Ronda Crioula do Município de São Sepé e CTG Campos Neutrais do Município de Santa Vitória do Palmar.

Importante salientar, que há regiões citadas por Jakzam Kaiser, a qual destacamos a presença negra desde a formação do estado até o período presente, devidos ao número de Comunidades Quilombolas e o grande contingente da população negra.

Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa traz como solo de investigação o CTG Negro Clareira da Mata no município de Caçapava do Sul e o CTG Ronda Crioula no município de São Sepé, o que passaremos nos escritos a seguir a analisar.

### 3.1 CTG CLAREIRA DA MATA

A história do CTG Clareira da Mata teve sua idealização em 1970 com o Sr. Elio Lopes, pois este, pelo fato de ser negro, não podia frequentar os bailes e festas promovidas pelos CTG's do município, conforme encontrado no livro "CTG Clareira da Mata: a História":

[...] o Rodeio da Sentinela era em um galpão de tábua na praça, Elio Lopes costumava assistir o programa, mas ao passar pelo CTG Sentinela dos Cerros ele observava as pessoas dançando, porém não podia entrar porque

como ele mesmo relata era negrão: “Fiquei com aquilo na cabeça, fiquei pensando, pensando [...]”<sup>10</sup>.

Motivado pelo senso de justiça, Elio Lopes procura o então apresentador do Programa Rodeio da Sentinela, o Sr. Antônio Carlos, relatando sua vontade de fundar um CTG de Negros, já que ele e seu povo não tinham acesso aos outros CTGs. Foi então que recebeu as orientações de como dar os primeiros passos para angariar um bom número de pessoas com o mesmo objetivo.

Vários convites foram distribuídos entre a população negra de Caçapava do Sul e, em 17 de março de 1974 é fundado o Centro de Tradições Gaúchas, tendo como fundadores: Zeno Dias Chaves, Brigidio Steffanio, Antonio Carlos Alves, Dr. Saldanha, Dr. Orlando Mazzini, Altamiro Paz, Grupo Os Coringas, Grupo os Quero-Quero, Albrantino Ferreira e Capitão Sérgio Porto. Muitos desses envolvidos na fundação do CTG, vieram

O nome do CTG foi sugerido por Zeferino Rui Teixeira de Freitas, que recordou da denominação do nome do município de Caçapava, que na língua Tupi Guarani, significa “Clareira na Mata”, “Fim da Estrada na Mata” e “Fim da Travessia no Monte”, porém, Elio Lopes não acatou inicialmente a ideia, pois o mesmo tinha em mente que o nome da entidade lembrasse o objetivo de reunir as famílias de negras e negros dali, para Elio Lopes o nome deveria ser: CTG Clareira da Mata de Preto.

Acatado pela maioria, o nome então aprovado foi CTG Clareira da Mata, com registro oficializado apenas em 1974, sendo Elio Lopes o Primeiro Patrão. O local era visto com muita alegria pelas famílias negras do município que comemoravam o fato de que, enfim, teriam uma local para encontros festivos e preservação da tradição gaúcha.

Porém, o que para muitos foi motivo de comemoração, para outros soava como afronta, o CTG de tábuas construído por várias mãos negras e não negras apoiadoras foi incendiado, ato criminoso, o qual denuncia as práticas daqueles que não aceitavam as edificações de espaços os quais pessoas negras usufruíssem.

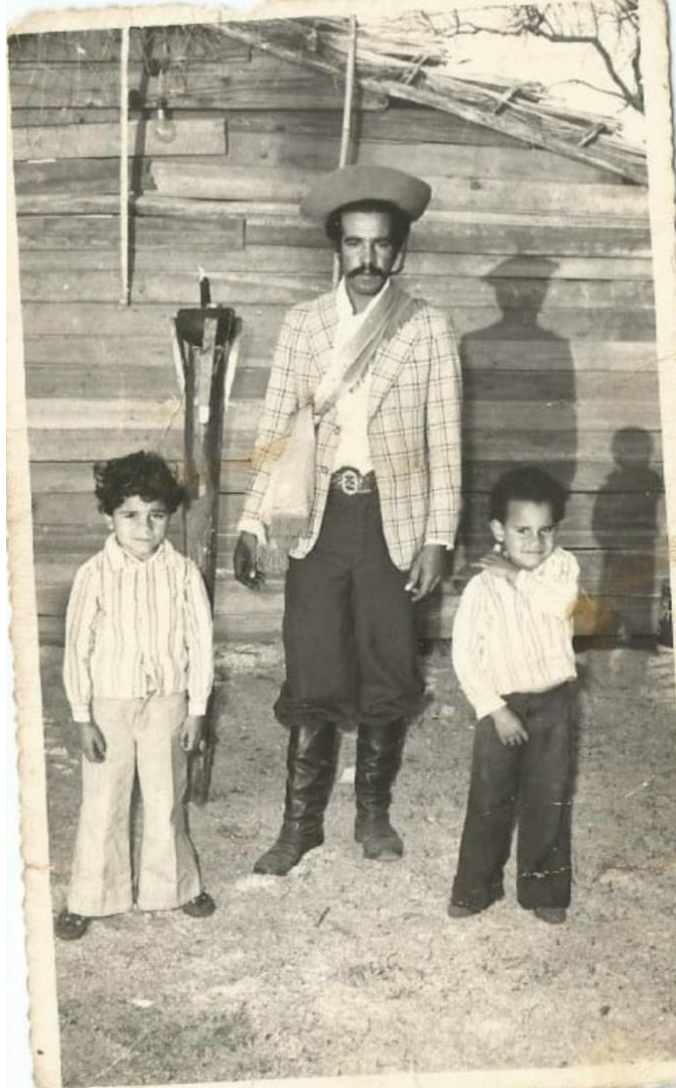
Este ato denotam o viés do pensamento racista arraigado na sociedade onde, de acordo com Almeida (2019), o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática.

---

<sup>10</sup> Excerto do livro “CTG Clareira da Mata: a história” – elaborado pela entidade tradicionalista.

Na Figura 1 podemos identificar Elio Lopes e seus filhos Claudiomiro e Ângelo ainda pequenos dentro da primeira estrutura do CTG Clareira da Mata, feito com tábuas.

Figura 1 - Elio Lopes com crianças do CTG

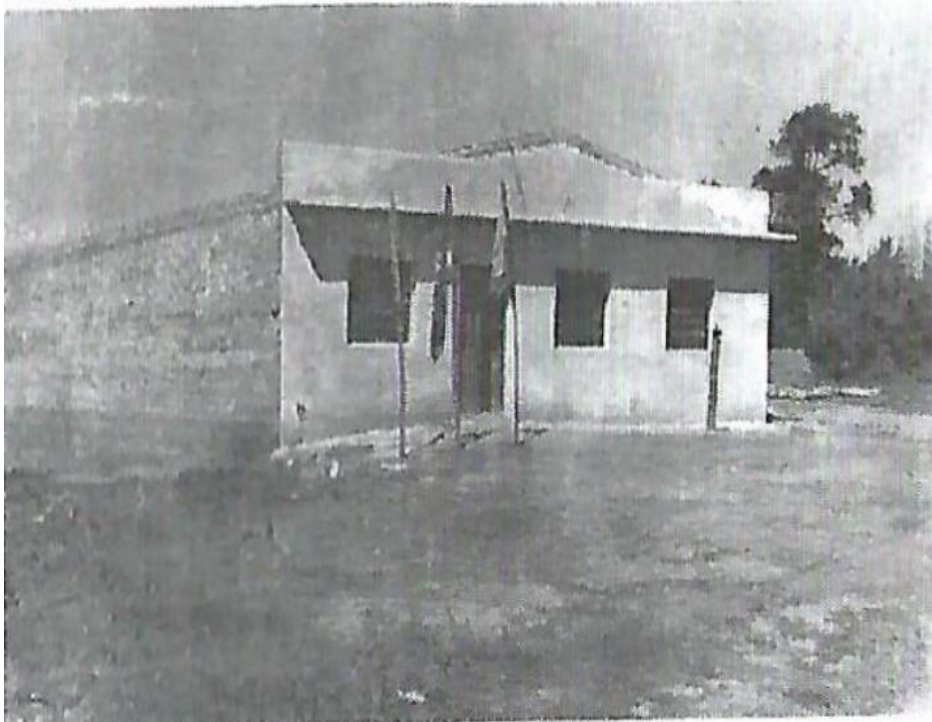


Fonte: Arquivo CTG Clareira da Mata.

Na Figura 1 percebemos ao fundo a estrutura humilde do CTG, que sofreu ataque de incêndio não apenas uma, mas três vezes. Contudo, isto não fez com que os negros se abatessem, pois o desejo de ter um espaço que expressasse sua cultura era muito maior. No livro elaborado pelos próprios membros do CTG, intitulado *Clareira da Mata: A história*, podemos conferir o censo de resiliência que carregava Elio Lopes ao ser indagado se estava triste, este responde: “Não. Eu estou é faceiro, só assim a gente faz um de material”. Nas Figuras 2 e 3, que seguem abaixo, temos

a fachada da primeira edificação de alvenaria do CTG Clareira da Mata e a Fachada do CTG atualmente.

Figura 2 - Fachada da 1ª Construção de Alvenaria do CTG Clareira da Mata



Fonte: Arquivo CTG Clareira da Mata

*Figura 3 - Fachada CTG Clareira da Mata*



Fonte: Arquivo Pessoal.

As Figuras 2 e 3 expõem as fachadas do CTG, de modo que, na atualidade, o mesmo possui identificação e melhorias arquitetônicas, inclusive contendo extensão que serve de subsídio para as ações e projetos sociais desenvolvidas pelo CTG.

Apesar de toda essa caminhada, Elio Lopes teve que enfrentar outro desafio, o de ampliar a crença de ser possível existir um CTG de Negros, durante dois anos, nas atividades dos festejos da semana farroupilha, Elio Lopes desfilou sozinho no desfile dos cavalarianos<sup>11</sup>.

Isto fez com ele tivesse que pensar de qual forma poderia ampliar o número de negros membros do CTG, a estratégia usada foi a de convidar os mais velhos, pois estes exerciam um papel de influência em toda a família e assim foi feito, de tal maneira que, em questão de pouco tempo, várias famílias negras estavam frequentando o local, constatando que sim, não só era possível um CTG Negro, como este já existia e em plenas condições de desenvolvimento das atividades tradicionalistas.

No que diz respeito a participação de pessoas brancas no CTG de Negros, os dirigentes tinham a consciência de que o CTG Clareira da Mata não replicaria a

---

<sup>11</sup> Aquele que monta a cavalo/ ginete.

discriminação sofrida pelos negros. Erica Bairro, ex-prenda do CTG, questionada sobre esse tema, expõe, em suas palavras, o pensamento do fundador Elio Lopes, “Como ele poderia negar a participação dos brancos no CTG? Se foram eles que também ajudaram a erguer, por três vezes?”.

Sobre esse contexto implícito é oportuno trazer o pensamento da Professora Liv Sovik que diz: “a convivência inter-racial harmônica acontece quase invariavelmente quando o negro acolhe o branco em seu território afetivo, social, político ou cultural e o contrário dificilmente acontece” (SOVIK, 2009, p. 147).

A autora conota o quão a ótica do ser não negro é impregnada socialmente como ato de prioridade, a via do pensamento inter-racial não é de mão dupla, mas sim e apenas da mão negra em cedência, sobre isso também analisa ESCOBAR:

Na sociedade brasileira o poder político, econômico e midiático hegemônico não está nas mãos da população negra, portanto, negros e negras não têm poder para serem racistas. Há uma concentração de riqueza e de privilégios nas mãos da branquitude, que consciente ou inconscientemente se beneficia daquilo que as *estruturas de sentimento residuais e dominantes* do sistema capitalista proporcionam aos brancos e por extensão, aos quase branco. (ESCOBAR, 2017, p. 288).

A produtora Cultural Maria Alice Garcia dos Santos que esteve à frente de várias ações de inclusão junto ao CTG Clareira da Mata, relatou que “o cerne do pensamento do CTG é o de que ele foi criado pela exclusão para trabalhar com a inclusão”.

Outro marco do CTG Clareira da Mata aconteceu no ano de 2012, onde houve a pose de uma patronagem estritamente feminina, na contramão do imaginário arraigado pelo machismo incutido dentro do tradicionalismo gaúcho onde as referências do trabalho e do gaúcho são descritas na história pelo viés do homem. Conforme relato de Jeane Dornelles Meirelles para esta pesquisa,

“[...] Fui patroa numa gestão de 2012 numa gestão só de mulheres é uma entidade tradicionalista com uma totalidade de patrões só homens, eles resolveram a indicar uma patronagem só feminina, eles resolveram indicar uma gestão só de mulheres, eram 18 mulheres, nós conseguimos equilibrar as finanças do Clareira, no tradicionalismo o machismo impera, tanto na parte da campeira, quanto na parte social, mas em função do apoio do conselho de ex-Patrões nós conseguimos, mas eu deixei bem claro a última palavra é nossa! [...]”.

Na afirmação de Meirelles, o fato da última palavra ser delas, as mulheres da patronagem, já se configurava como algo evolutivo, as mulheres, em sua maioria,



dentro do tradicionalismo apareciam como figuras frágeis e que, portanto, não teriam condições de gerir a patronagem de um CTG. Na Figura 4 temos a composição de parte desta patronagem estritamente feminina.

Figura 4 - Patronagem feminina



Fonte: Arquivo CTG Clareira da Mata.

Na Figura 4, acima, podemos observar a composição da patronagem composta só por mulheres, na contramão de um pensamento hegemonicamente masculino, sendo: Patroa: Jeane Dorneles Meireles, Maior dono: Tereza Alves de Alves; Capataz (2ª vice) Cleusa Francisca Oliveira; 1ª Sota Capataz (1ª secretária) Irma Alves Dorneles; 2ª Sota Capataz (2ª secretária) Maria Claudete de P. M. Pereira; 1ª Agregada das Pilchas (1ª tesoureira) Karine Vieira Pereira; 2ª Agregada das Pilchas (2ª tesoureira) Tânia Ferreira dos Santos; Conselho de Vaqueanos: Miguelina Alves, Vera Ramires, Madiela Santos Lopes, Valderes do N. Marques, Idenir Luiz Campos, Ligia Gonçalves Valério, Tônia Thainá Meireles da Silva e Rosimar Assunção Silva Moraes.

O CTG Clareira da Mata foi reconhecido como Ponto de Cultura, aprovado via Edital do Ministério da Cultura em 2005, conveniando em 2007, integrando-se a Rede Nacional do Programa Cultura Viva, o qual faz parte das ações pensadas

via Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva, criado e regulamentado por meio das portarias nº 156, de 06 de julho de 2004 .

No Intitulado Ponto de Cultura - Encontro com a Cultura Gaúcha, as ações desenvolvidas são referências para grupos e famílias, que acreditam que a sociedade necessita reforçar valores de convivência, para diminuir os problemas que angustiam os grupos sociais atualmente. A estratégia usada para integrar este pensamento foi a de ofertar um espaço tradicionalista composto com opções culturais formadoras e de preservação, sendo ofertadas oficinas de artesanato, dança, culinária regional, indumentária gaúcha, música e informática com laboratório multimídia.

A Professora Vanda Sito, ex-coordenadora do Ponto de Cultura, destaca que,

O Ponto de Cultura do CTG reforça a resistência, não para continuar com essa diferença, resistência para fortalecer o que eu tenho de bom para oferecer ao outro. Não no sentido de nos fecharmos dentro do CTG, mas sim de fortalecimento. A exemplo das mães que ali estavam e tinha problemas com seus filhos, elas buscavam apoio entre elas, era a resistência de pessoas se ajudando e foi com essa percepção que pensamos o ponto de cultura.

Frente a esse contexto, o Ponto de Cultura do CTG Clareira da Mata faz uma conexão entre a cultura tradicionalista sem perder de vista a leitura do seu entorno, onde coloca-se como agente de transformações sociais, principalmente aquelas inerentes à população negra.

Entre as oficinas, o CTG oferece a Oficina de Guasqueiro, uma forma de artesanato que consiste no manejo do couro cru para transformação de peças para equitação, encilhas e indumentária gaúcha. Uma técnica exercida pelo gaúcho-e sua origem remonta o período de colonização espanhola e portuguesa na América do sul, quando o “gaúcho histórico” começava a se desenhar nos campos do Rio Grande do Sul e dos países do Prata, caçando o gado selvagem abandonado pelos jesuítas espanhóis, surgia assim, o trabalho doguasqueiro, que era o de fabricar artigos de couro para montaria (SCHLEE, 2013).

A Figura 5 mostra o folder de divulgação da Oficina de Guasqueiro - Curso de Artesanato em couro promovido pelo Ponto de Cultura.

Figura 5 - Folder Curso de Artesanato -Guasqueiro

## GUASQUEIRO

*Autor: Ramiro Amorim*

*Aprenda a lida na volta de um couro  
Me fiz um guasqueiro de faca na mão  
Lonqueando, estaqueando, curtindo e aparando,  
Desquinei os sonhos do meu coração!*

*É pedra, é chaira, é faca lambendo,  
Tento desquinado, parelho e sovado.  
Botões, cabeçada, peiteira e rabicho,  
Saliva e capricho, no feitiço trançado.*

*Me doutrinei em campo, conduzindo tropa,  
Parando rodeio e apoiando vaca.  
Garanto a noitada em versos de porfia  
E a bóia do dia, no fio da minha faca!*

*Quanta trança feita por mim, viu Maria.  
Relho, maneia, rêdea e barbaicacho.  
Com ela meu rancho luziu em harmonia  
No frio, noites quentes, feitas de abraços!*



\*DIRETORIO COM A CULTURA GAÚCHA\*

## “GUASQUEIRO”

### CURSO DE ARTESANATO EM COURO



**PORTO DE CULTURA**  
**CTG CLAREIRA DA MATA**  
**CAÇAPAVA DO SUL**

*Out/2012*

Fonte: Arquivo CTG Clareira da Mata.

Na Figura 5 também podemos perceber o alinhamento entre a prática artesanal e a poesia narrativa do ofício de guasqueiro. Nesse sentido, a oficina do guasqueiro se apresenta como forte componente de retroalimentação da tradição originária gaúcha e identidade de forma intergeracional que, conforme relato do ex-patrão e oficinheiro João Batista Dornelles, “me vejo na obrigação de passar o que aprendi, tenho muito orgulho de fazer parte dessa história, que deve continuar sendo passada para outras gerações”.

Nesse sentido, constatamos que a existência do CTG Clareira da Mata exerce um papel no estado do Rio Grande do Sul como elemento de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural gaúcho, principalmente em se tratando da influência histórica do ser gaúcho negro, além disto, atua em conexão com a sua comunidade local,

principalmente junto ao público infanto-juvenil, preparando, capacitando, formando e, principalmente, exercendo uma função social de transformações via cultura.

### 3.2 POR NOSSAS ORIGENS NATIVAS E TRADICIONALISTAS NASCEU O CTG RONDA CRIOULA

No município de São Sepé, assim como em Caçapava do Sul, a história da criação do CTG negro também não se distancia do processo de discriminação racial para com o povo negro, conforme relata um de seus fundadores, o senhor Ilo Lopes (Tio Ilo), no auge dos seus 94 anos:

Por volta da década de 70 o finado João Batista dos Santos (Tio Batista) foi “espiar” pela janela um baile gaúcho realizado no bairro São Francisco em São Sepé e o mesmo foi impedido, pois negro não poderia tá ali olhando e quem dirá entrar para o baile. Constrangido e indignado, Tio Batista, durante um rodeio, relata o acontecido para os outros negros amigos e parentes e em resposta surge a ideia da fundação de um CTG do qual eles pudessem usufruir e praticar a cultura que eles também se sentiam pertencentes”. Estavam nesta conversa além do Tio Ilo e do Tio Batista, Alceu Santos, Zenir Meirelles (Tigre), José Paulo Nascimento, João Bastos e Zueli Meirelles.

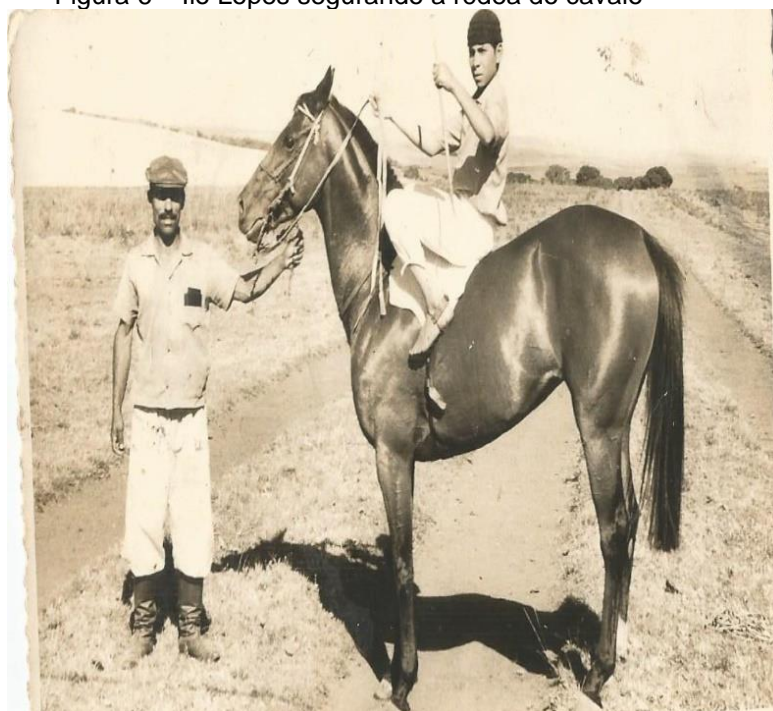
De acordo com Ilo Lopes, a estratégia era de angariar o maior número possível de pessoas para colaborar na fundação da entidade. E, em 27 de maio do ano de 1979, é fundado o Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula, que trazia como lema “Por nossas origens Nativas e Tradicionalistas nasceu o CTG Ronda Crioula”.

O nome “Ronda Crioula” surge de calorosa discussão perante um conjunto de propostas, nesta oportunidade foi escolhido o nome sugerido por João Bastos. Ilo Lopes, nascido em 1928, tropeiro de profissão faz questão de explicar o significado desta Ronda Crioula que é diferente do seguinte relato que,

[...] Em 5 de setembro de 1947, segundo a narrativa consolidada sobre as origens do movimento tradicionalista gaúcho, Barbosa Lessa acompanhava o traslado dos restos mortais do general farroupilha David Canabarro da cidade de Santana do Livramento para a capital, quando assistiu, extasiado, a um grupo de colegas do “Julinho”, vestidos com certas roupas oriundas do meio rural e portando utensílios da lida campeira, passar em desfile pelas ruas da capital. Dois dias depois, tal grupo tomaria uma centelha da pira onde ardia o fogo simbólico da independência do Brasil. A chama, denominada então de “crioula”, passou a ser cultivada em um galpão improvisado no pátio do colégio até o dia 20 de setembro daquele ano – data lembrada como o início da revolta do Rio Grande do Sul contra o Império do Brasil em 1835” (ZALLA, 2019, p. 19).

A ronda crioula que é enfatizada pelos fundadores do CTG, remete diretamente as Rondas dos Tropeiros durante o percurso rumo as Charqueadas, onde levavam mais de dez dias de viagem conduzindo o gado, tinha-se como regra que aqueles que chegassem primeiro, largavam o gado no potreiro e os que chegassem após tinham que fazer a Ronda Crioula, com o gado ficando fora do potreiro. A Figura 6, a seguir, apresenta o Sr. Ilo Lopes, um dos fundadores e narrador desta história do CTG em São Sepé.

Figura 6 – Ilo Lopes segurando a rédea do cavalo



Fonte: Arquivo Família Lopes.

Ilo Lopes relata que, além do nome, outra discussão foi travada na assembleia de fundação, a definição era se deveriam deixar pessoas brancas entrarem no CTG, uma vez que os negros não tinham acesso aos outros CTGs. A defesa da maioria era de que não poderia ser perpetuado o racismo e que os negros abririam seus espaços para contrapor o pensamento segregacionista.

Surge assim, o Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula, espaço insurgente contra o racismo, especialmente no âmbito do Movimento Tradicionalista Gaúcho, transformando-se numa importante ferramenta para a sociedade gaúcha acerca do sujeito NEGRO e na formação do estado do Rio Grande do Sul. A frente, como patrão estava Nilson Itario Almeron, juntamente o corpo da patronagem era

composto por João Batista, Imoré Costa, Alceu Santos, Zueli Meirelles, Ilo Lopes, Zenir Meirelles, entre outros <sup>12</sup>.

O entrevistado Elpidio Menezes, durante sua entrevista para essa pesquisa, fez questão de frisar a participação efetiva de João Batista dos Santos, nas palavras dele, a chaga deixada pelo racismo se transformou em motivação para criar o Ronda Crioula, “O Batista era incansável, ele foi o grande idealizador do CTG e a frente deste movimento sempre trabalhava com otimismo, mobilizou todos no intuito de ter uma entidade sem discriminação”. A Figura 7 apresenta os integrantes do CTG Ronda Crioula, com destaque para o Sr. João Batista e o Patrão Nilson Itario.

Figura 7 – João Batista (a frente segurando chapéu) e ao fundo do lado esquerdo o Patrão Nilson Itario Almeronn (camisa preta e laço branco no pescoço)



Fonte: Arquivo CTG Ronda Crioula.

Para iniciar as atividades, os integrantes do CTG fizeram uso de um terreno localizado na Rua Coronel Veríssimo, área urbana de São Sepé, cedido pelo Sr. Pedro Francesk. Tiveram ajuda dos comerciantes de madeira que lhes emprestaram as tábuas para a construção provisória do CTG, o qual contou com a ajuda de todos integrantes e também amigos próximos. A Ex-Patroa, Ofélia Lopes, durante entrevista para essa pesquisa assim descreve: “Era um ranchinho de tábua emprestada, chão

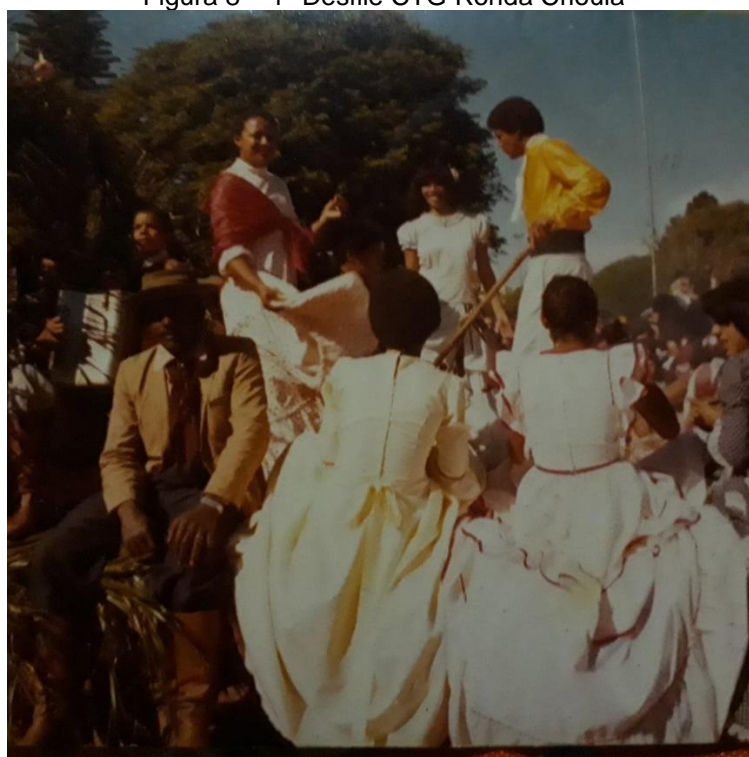
---

<sup>12</sup> Na época da pesquisa, o CTG estava em processo de recuperação de sua documentação inicial, não se tendo acesso a primeira ata de composição da patronagem.

batido, a cozinha ficava na rua (risos), tudo muito simples, mas feito com bastante felicidade, nosso primeiro baile foi ali, e dali pela frente só fomos crescendo”.

No mesmo ano de fundação, o CTG Ronda Crioula participou ativamente dos festejos da semana farroupilha e no espaço cedido fizeram o primeiro baile gaúcho, onde negros e brancos de São Sepé ocupavam o mesmo espaço tradicionalista, como os entrevistados frisaram, foi, literalmente, um baile de levantar poeira. A Figura 8 remete ao 1º Desfile durante a semana Farroupilha junto ao CTG Ronda Crioula.

Figura 8 – 1º Desfile CTG Ronda Crioula



Fonte: Arquivo CTG Ronda Crioula.

Na Figura 8 é perceptível a participação de negras e negros de forma efetiva na Semana Farroupilha do município de São Sepé, um marco no ano de 1979.

Passada a semana farroupilha, a Patronagem do CTG procura o então prefeito da cidade, José Maria Picada, para dialogar sobre a proposta do espaço fundado por negros na cidade. Desse encontro foi encaminhada a doação de uma área de terra, localizada na Rua Riachuelo, região central do município de São Sepé, onde encontra-se o CTG até os dias atuais. A Figura 9 e mostra parte do corpo da 1ª patronagem do CTG Ronda Crioula e ao fundo a faixada do Rancho onde foi realizado o primeiro Baile

e a figura 10 mostra esse mesmo corpo da patronagem, agora sendo incluído as prensas, as mulheres e aliadas do CTG.

Figura 9 - Corpo da Patronagem



Fonte: Arquivo CTG Ronda Crioula.

Figura 10 - Corpo da Patronagem, juntamente com prendas e mulheres que aturam junto a fundação do CTG



Fonte: Arquivo CTG Ronda Crioula.



Observando as imagens 9 e 10 acima, especificamente a imagem 9, é possível evidenciar a participação dos homens enquanto corpo de patrões, por mais que estas tivessem a participação direta na fundação deste CTG. Durante uma roda de conversa entre as mulheres do CTG Ronda Crioula, Raquel Lopes, que foi primeira prenda do CTG Ronda Crioula, relata que,

“As mulheres sempre estiveram presentes em todos os momentos do CTG Ronda Crioula, inclusive na primeira reunião onde o Tio Batista relatou o caso de racismo que ele havia sofrido, eu estava lá acompanhando o pai.”

Nesse sentido, analisando os relatos inerentes aos motivos e mobilizações da constituição do CTG, percebemos uma lacuna nas narrações em se tratando da participação das mulheres. Conforme já abordamos nesta pesquisa, as referências do trabalho e do gaúcho são descritas na história pelo viés do homem. Felizmente, o CTG Ronda Crioula, na década de noventa, elege como patroa a Sra. Ofélia Lopes, uma das primeiras patroas negras de um Centro de Tradições Gaúchas, iniciando um caminho pleno em busca de equiparação não só da raça, mas também de gênero.

No decorrer da conversa durante a roda de conversa, Ofélia Lopes, hoje com 85 anos, menciona,

Naquela época a decisão era com os homens. Tu viu que nós as mulheres não participavam ainda da lista da Associação dos Fundadores. Nós temos agora já uns pouquinhos uma meia dúzia que ainda tem vivos e as mulheres não conta ali, então não tem o nome. Essa diferença ainda continuou, mas um tempo, depois que começaram a entrar as patroas aqui no CTG, eu vim primeiro, depois a Dora, depois a Maria Helena e agora a Maristela, filha do Batista.

Nas palavras de Ofélia Lopes, é trazida à tona a preterição das mulheres dentro dos CTGs, segundo ela falta uma ação de reparação para com as mulheres que tiveram junto nos processos de constituição do mesmo, essa ação deveria ser concretizada via confecção de um novo tirador<sup>13</sup> onde constasse o nome de todas e todos.

Foi durante a patronagem de Ofélia Lopes que iniciou-se a edificação do grande galpão de alvenaria do CTG Ronda Crioula, em seu relato, ela lembra que haviam duas edificações pequenas em lados opostos e que ao centro do terreno havia um

---

<sup>13</sup> Espécie de pedaço de couro macio onde são escritos os nomes dos fundadores do CTG.

grande campo. Ela conta que, na época foi difícil, pois os homens tinham receio de que dívidas fossem geradas em detrimento da obra, mas a ideia da construção era justamente para gerar renda para o CTG, segundo ela, foi montada uma comissão e aos poucos foram construindo a se nova. Na Figura 11 aparece a fachada da atual sede do CTG Ronda Crioula.

Figura 11 - Fachada de entrada e Fachada Lateral do CTG Ronda Crioula



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na Figura 11, acima, percebemos a grandiosidade de um CTG de negros em meio ao Centro da cidade do município de São Sepé, concretizada durante a gestão de uma mulher. Assim como Ofélia Lopes, outras mulheres negras aparecem em locais de lideranças dominados outrora pelo sexo masculino, a exemplo de Dorinha Rios, que foi responsável pelo Departamento Campeiro. A Figura 12 remete-se a Ofélia Lopes, 1ª patroa do CTG Ronda Crioula.

Figura 12 - Retrato Ofélia Lopes



Fonte: Arquivo CTG Ronda Crioula.

A gestão de Ofélia Lopes, trouxe também um pioneirismo de inovações e estratégias motivadas a geração de renda para o CTG, a exemplo de captação de recursos via Leis de Incentivo no Estado do Rio Grande do Sul.

O CTG Ronda Crioula desenvolve, ao longo dos anos, atividades culturais que transitam entre o preservar das origens negras gaúchas e o formar novas gerações. Seguindo essa perspectiva de preservação identitária, realiza vários eventos, a exemplo do Encontro de Trovadores, Ronda Artística e é responsável pela manutenção da Invernada Artística Tio Mino, de danças tradicionais nas categorias adulto, juvenil e mirim.

Tendo em vista que este trabalho busca evidenciar o sujeito negro, é necessário destacar o trabalho da Invernada Artística Tio Mino, que passou a adotar este nome por parte da Invernada do CTG Ronda Crioula em meados de 1984. Segundo Elpidio Menezes, Tio Mino foi um grande músico do município de São Sepé, esteve à frente da Banda Paz e Concordia, considerada uma das mais antigas bandas criadas por negros no estado. Ele era um gaitero e repassou o gosto pela música para todos os seus filhos, era grande incentivador dos jovens talentos da música, da dança e da poesia, um artista afro-gaúcho.

De acordo com a atual patroa do CTG, Maristela Santos, desde de 1980 a Invernada Artística Tio Mino tem se destacado não só em face dos Encontros de Danças Tradicionalistas, mas também pela realização do trabalho junto às

comunidades periféricas e escolar no município de São Sepé, tendo como norte principal a história e culto das tradições gaúchas em sua total diversidade.

A Figura 13 mostra Tio Mino, com a gaita no 1º Baile do CTG Ronda Crioula.

Figura 13 -Tio Mino com a Gaita



Fonte: Arquivo Pessoal CTG Ronda Crioula.

Foi Tio Mino, que trouxe a preocupação de continuidade das tradições. Segundo Maristela Santos, ter uma invernada a qual trazia seu nome como forma de homenagem consubstancia em um elemento de referência, os mais jovens devem saber de onde viemos e que somos, para imbuídos de sua ancestralidade possam continuar com o legado da tradição.

A figura 14 mostra um comparativo entre o início da Invernada Tio Mino em 1980 e sua participação no ENART no Ano de 2016.

Figura 14 - Invernada Tio Mino 1980 e 2016



Fonte: Arquivo CTG Ronda Crioula.

A Figura 14 acima ilustra a conexão entre o consciente originário de negritude no Rio Grande Sul e sua correlação com as diversas expressões culturais como forma de disseminação da fidelidade histórica do tradicionalismo gaúcho.

Via entendimento do ser negro no Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Invernada Tio Mino levou para os palcos do Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART) uma apresentação de dança a qual remetia ao passado do povo negro, suas lutas e suas crenças, identidade, saberes históricos, memórias e trilhas sociais da diáspora Africana, representando a conexão entre o passado e a ressignificação do povo negro gaúcho.

Essa ressignificação, trazida pela juventude, reafirma a perspectiva inicial do Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula, na construção de uma contra hegemonia para fazer frente ao conservadorismo e ao racismo, no seio de um dos Movimentos mais expressivos do estado, se agregando a uma natureza única e fomentadora do patrimônio do sul do Brasil, devendo ser respeitado como tal, fazendo jus ao lema “Por nossas origens Nativas e Tradicionalistas nasceu o CTG Ronda Crioula”.

#### 4 CTG'S NEGROS E O ELO ENTRE A COSMOPERCEÇÃO DE MATRIZ AFRICANA E O TRADICIONALISMO - PATRIMÔNIOS GAÚCHOS

Alguém lembra de já ter visto alguma imagem de um gaúcho negro, de bombacha, montado num cavalo ou tomando chimarrão? Ou uma prenda negra dançando num CTG gaudério? Dificilmente. Esse é um fato que tem sido omitido na representação imagética da cultura gaúcha, normalmente gerenciada por cabeças brancas. O maior símbolo gaúcho, a estátua do Laçador, obviamente, é de um orgulhoso homem branco (TAVARES, 2014).

A epistemologia nigeriana trazida pela socióloga Oyèrónké Oyěwùmí diz que, pessoas africanas dedicadas à pesquisa deveriam comprometer-se a fazer um trabalho detalhando e descrevendo as culturas autóctones africanas de dentro para fora, e não de fora para dentro.

De acordo com Lazie Lopes (2021, p. 64):

[...] uma Cosmopercepção Africana, que parte do princípio de uma auto-descrição, de um auto reconhecimento de uma visão de mundo, pois há, de certo modo, uma organização deste pensamento. No curso da existência humana, em dados períodos, assumimos uma ideia, constituindo e reconstituindo culturas, ações, percursos, narrativas e discursos com características, categorias e o desenvolvimento de uma complexa relação no desenvolvimento destas percepções. Partimos de vivências e experiências para formar representações que incidem na construção das nossas ações, investindo-se nessas, de certo modo, em caráter intencional.

Esse entendimento nos remete também a forma auto-organizativa das comunidades e espaços negros no Brasil e vai ao encontro da necessidade de revelar a influência perceptiva dos negros e negras na construção de novas culturas, porém, sem perder a essência perceptiva ancestral e cultural.

Segundo Santos e Menezes (2010), toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe-se uma ou várias epistemologias. Nesta construção decolonial, de desconstrução do pensamento hegemônico, designam-se iniciativas e saberes populares e de organizações negras enquanto técnicas capazes de aglutinar desenvolvimento e romper com a lógica da linha abissal que divide o mundo e as pessoas entre o que é inútil ou inteligível e o que é plausível e aceitável.

A Cosmopercepção Africana, e a consciência advinda desta, faz erigir epistemologias que ressignificam as materialidades e imaterialidades dos sujeitos e dos espaços. Tendo como referência princípios solidários, que vão se constituindo a

partir de processos específicos, territorialidades e sociabilidades ensejadas pela ancestralidade. O desenvolvimento destas premissas parte da experiência e da percepção comunitária de seus membros como dimensão objetivada do empírico.

É interessante analisar que estes sujeitos medeiam dois mundos: o legado pela tradição africana e o interpretado como uma regra de conduta ou ética social, baseado nas relações ocidentais, que estabelecem perspectivas diferentes.

É neste cenário que se inserem os CTG's Negros, por um lado há toda a cultura do camponês acerca do Gaúcho, este personagem dos campos do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Por outro, a influência de origem africana mantida e preservada nas ações dos sujeitos que protagonizaram e lideraram a fundação e manutenção dos Centros de Tradições Gaúchas Negros.

Os integrantes negros do Movimento Tradicionalista Gaúcho vivenciaram em suas experiências momentos de resistência e reflexão a partir do momento em que adentram em um espaço hegemonicamente branco. Embora o sujeito negro tenha sua ligação em várias interfaces com o espaço rural, sendo elemento presente no percurso histórico desde o início da ocupação do território no estado, nunca houve o devido reconhecimento à sua contribuição para a formação das territorialidades do Rio Grande do Sul.

Deste modo, diante da falta de representatividade dos Negros na historiografia gaúcha, no tocante a sua inserção no tradicionalismo, a dificuldade é ainda maior, as reflexões sobre este tema são limitadas e não trazem uma reflexão sobre questões centrais. Dentre estas, o questionamento sobre se há espaço no tradicionalismo gaúcho para inserir subjetividades consideradas não hegemônicas. O Gaúcho, que inicialmente nos remeteria a figura do camponês, da lida com o gado, com o cavalo, transformou-se, a partir do regramento interno das organizações de base do MTG, institucionalmente, nos proprietários e empregados das Estâncias.

Em função desta relação entre construção da subjetividade hierárquica com base no poder da propriedade e constituição social do Tradicionalismo, o surgimento de CTG's Negros, no âmbito desta organização, torna-se uma novidade de oposição a este processo. Pois se os patrões, os capatazes, são considerados os líderes, há de se lembrar que não haviam negros patrões de Estâncias no estado. O máximo que o povo negro conseguiria alçar no período pós-escravocrata seria o de agregado as fazendas (um tipo de trabalho sem renda), com base na troca por comida ou pequenas lavouras de subsistência.

Dito isto, é importante compreender que os CTG's Negros são elementos de grande contradição e questionamento ao conservadorismo<sup>14</sup> implícito ou explícito no Tradicionalismo gaúcho, levou-se anos pós sua formação para que as primeiras mulheres tivessem acesso ao cargo de patroas, estando a frente destas entidades, porém, nada é tão antagônico em se tratando da formação dos Centros de Tradições Gaúchas quanto a efetiva participação dos negros nas lideranças e formações das entidades reconhecidamente com a identidade negra.

Desta forma, cabe a esta pesquisa buscar elementos que façam a conexão entre a Cosmopercepção ou Cosmovisão Africana e negra com o Movimento Tradicionalista Gaúcho, especialmente no que tange a produção de espaços e territorialidades. Uma grande questão a ser observada é de se esta produção de sentidos e cultura por negros, quer seja na dança, na poesia, na trova, nos rodeios guardam alguma ligação com seu passado e sua ancestralidade mais distante ou somente reproduzem algo já construído pela hegemonia branca.

A ressignificação de sujeitos e de espaços produz espacialidades específicas, através das narrativas aqui colocadas poderemos compreender em parte a contradição dialética imposta pela participação de negros no Movimento Tradicionalista, ao mesmo tempo que estes transformam seu parâmetro, inicialmente absorvem parte de suas diretrizes. Mesmo considerando que a presença dos corpos negros no meio da cultura tradicionalista já seria objeto de forte questionamento ao se referir que a mesma continua sendo hegemonicamente branca e conservadora.

Algumas das aproximações, certamente entre Cosmovisão Africana e as subjetividades negras, no contexto do MTG, é o da resistência e o sentimento de comunidade, se é verdade que a segregação racial levou a estes negros a organizarem suas próprias entidades, a noção de comunidade contribuiu para esta organização na luta por direitos básicos de mobilidade espacial.

Em virtude dos aspectos históricos que ensejaram a criação do Movimento Tradicionalista podemos afirmar a questão da participação dos negros como uma

---

<sup>14</sup> O **conservadorismo** é um pensamento político que defende a **manutenção das instituições sociais tradicionais** – como a família, a comunidade local e a religião -, além dos usos, costumes, tradições e convenções. O conservadorismo enfatiza a continuidade e a estabilidade das instituições, opondo-se a qualquer tipo de movimentos revolucionários e de políticas progressistas. Mas é importante entender que o conservadorismo não é um conjunto de ideias políticas definidas, pois os valores conservadores variam enormemente de acordo com os lugares e com o tempo. Por exemplo, conservadores chineses, indianos, russos, africanos, latino-americanos e europeus podem defender conjuntos de ideias e valores bastante diferentes, mas que estão sempre de acordo as tradições de suas respectivas sociedades (MATTOS, 2017, grifo nosso).



enorme lacuna, se a população negra esteve presente nas Estâncias, nas charqueadas e especialmente nas Guerras, como na Revolução Farroupilha, não há como pensar a formação da subjetividade do território gaúcho sem a presença da comunidade negra.

Do ponto de vista simbólico, é de se ressaltar a contribuição do pensamento africano no tocante aos processos de territorialização imagética e cultural, transplantadas da África para outros continentes durante a diáspora. A estruturação do Movimento Tradicionalista também passa por trazer aos tempos atuais várias manifestações do passado. Estas vivências e experiências foram moldando uma tradição que se espalhou por outros estados e países, porém, há falha no que diz respeito ao reconhecimento da importante contribuição dos negros gaúchos.

O surgimento das entidades, com o intuito de combater a segregação racial no estado, foi fato relevante para a constituição da cidadania dos sujeitos negros e é com base nesse olhar para os tempos passados que podemos analisar a colaboração dos Centro de Tradições Gaúchas Negros em termos de Movimento Tradicionalista, na gastronomia, na dança, na parte campeira e, principalmente, na parte espacial simbólica com sua valiosa prestimosidade.

No Brasil, particularmente, e na América Latina, em geral, pois aqui as experiências diaspóricas de África, em contato/conflito com as experiências indígenas e europeias, ganharam outros contornos e geraram novos problemas. A polaridade continuidade-ruptura sintetiza muito bem essa problemática que atravessa os séculos, desafiando o pensamento na América Latina, a não negar a permanência da cultura africana entre os latino americanos e, concomitantemente, a não manter a ideologia ingênua de que a cultura africana tenha deitado suas raízes na América de maneira atávica. Diáspora é signo de movimentos complexos, de reveses e avanços, de afirmação e negação, de criação e mimese, de cultura local e global, de estruturas e singularidades, de rompimento e reparação (OLIVEIRA, 2012, p. 29).

Assim sendo, os componentes singulares da Cosmovisão Africana, tais como Mito e o corpo, influenciaram na consolidação da cultura no Rio Grande do Sul e os sujeitos negros de Matriz Africana impactaram de sobremaneira a complexa teia de conceitos e perspectivas ensejadas neste território. Quer seja na religiosidade, através do Batuque, nos Quilombos, na música, na gastronomia, para além das relações consanguíneas, a ancestralidade negra foi moldando marcas no território gaúcho. Porém, é fato que da mesma forma que a história é contada pela ótica das elites, no

Estado não foi diferente a intenção de tornar a região como referência branca e europeia e isto foi levado a cabo desde o início da colonização.

Ao direcionarmos, no sentido dos CTGs negros enquanto patrimônios gaúchos, incidimos na compreensão de que os elementos culturais, os quais se alinham a estes espaços, do ponto de vista material e imaterial, constatamos a presença de saberes e vivências intimamente correlacionados ao sentimento empírico de Matriz Africana, objeto de salvaguarda nos cotidianos destes espaços, seja na música, na culinária e até mesmo no idioma.

A constatação deste ambiente vivo, dentro dos CTGs Negros, nos leva ao entendimento de um “lugar de memória”, consubstanciado na lacuna que se tem em face do não reconhecimento da legitimidade do negro gaúcho na história das tradições gaúchas, principalmente em face de um capital cultural simbólico que subsidia, de forma legítima, as tradições gaúchas.

Proteger esses espaços, como patrimônio cultural, enseja também em uma via de reparação que oportuniza ao Rio Grande do Sul remontar uma façanha de histórias autênticas, vivenciadas e construídas pelos Afro-gaúchos.

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo será abordada a metodologia trabalhada durante a pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para a realização do estudo, levando em consideração todas as fases da pesquisa desde a revisão da bibliografia, planejamento do documentário (produto) e a discussão dos resultados com base nas narrativas\entrevistas e roda de diálogo realizadas durante o processo investigativo. Segundo Bourdieu (2007) Livro Miséria do Mundo

A relação de pesquisa, ainda que distinta das demais trocas comuns de existência, não deixa de ser uma relação social e, de igual modo, não deixar de exercer – sobre os resultados da investigação – os efeitos derivados desta situação de poder/submissão (entre pesquisador/pesquisado) implicada no estudo científico. Quanto a isso, Bourdieu aponta que tantos os defensores das metodologias quantitativas quanto os seus pares contrários (qualitativistas), têm ignorado os “efeitos que as estruturas objetivas exercem não somente nas interações [ordinárias]..., mas também na sua interação [pesquisadores] com as pessoas submetidas à observação ou à interrupção” (p. 694).

Por levar em conta as especificidades deste trabalho construído a partir da participação de sujeitos negros e por uma pesquisadora mulher negra, não há como distinguir ou designar uma posicionalidade na qual a mesma não estivesse envolvida profundamente no contexto, até mesmo por laços familiares e subjetivos. Sendo assim, esta separação fria entre objeto e pesquisador não faz parte da metodologia aqui colocada.

A pesquisa teve como base uma perspectiva qualitativa, tratando essencialmente das dimensões dos sujeitos negros e do CTG's Negros. Neste sentido, leva-se em consideração a importância de se conhecer a experiência e as vivências do sujeito, que, neste caso, refere-se aos membros das entidades tradicionalistas. Conforme Godoy,

[...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados “/I qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “/I captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Este método torna-se importante para o desenvolvimento do estudo, uma vez que, busca explicar o processo experiencial e a manifestação dos membros e da entidade enquanto espaço do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul.

Em consonância a isto, e buscando compartilhar uma epistemologia negra, a pesquisa buscará o aporte teórico da história oral aproximada da oralidade africana, sendo esta a parte da cultura ancestral e da diáspora, constituindo-se importante instrumento de transmissão do modo de vida dos Africanos no Brasil. A oralidade trata-se da principal fonte de resistência negra em terras continentais brasileiras, conseguindo trazer até a contemporaneidade o conhecimento africano e mesmo que, de forma restrita, a linguagem Yorubá, já a História Oral, é um método reconhecido academicamente e que permite ouvir, em especial, sujeitos apartados da história oficial. Como esta pesquisa refere-se a sujeitos e entidades negras, é importante o uso desta nesta conjunção entre oralidade negra e História Oral, o transcrito nas narrativas do sujeito, mais do que o aspecto descrito, traz consigo percepções e sentidos.

A história oral recobre narrativas sobre um acontecimento ou determinado espaço de tempo a partir de análise documental, relatos e entrevistas (gravadas em áudio e/ou vídeo). Para Martins (2004), a História oral é um movimento:

Voltado não à coleta de documentos já produzidos, mas à elaboração de novos documentos a partir de relatos e entrevistas de informantes que não necessariamente têm uma projeção na vida pública ou alguma notoriedade, mas que se encontram em condições de relatar algo sobre sua participação na história. O recurso ao depoimento oral, como forma de construção do documento, tem levantado várias questões e objeções que dizem respeito à memória. A referência “às peças que a memória prega” baseia-se na compreensão de que entre o tempo do acontecimento e o tempo presente do relato o informante, a cuja memória se apela, viveu um conjunto de experiências que, de certa forma, orientam a visão que ele tem do passado (MARTINS, 2004, p. 294-295).

Na HO, o principal protagonista é o entrevistado (sujeito de pesquisa), que dissertará sobre suas experiências, sendo este o alvo principal das histórias orais de vida: a experiência, em que se busca a versão sobre a moral existencial, não a verdade, conforme argumenta Meihy (2005).

Dessa maneira, um desafio para a pesquisa em História Oral tem sido definir o que entendemos por subjetividade e como esta dimensão pode contribuir para os estudos da cultura e das trajetórias de vida. As narrativas cumprem papel de narrar fatos presentes, por assim dizer, exprimindo a versão subjetiva de uma memória

coletiva. Os fatos trazidos pelos sujeitos marcam um tempo e uma identidade que definem a construção deste sujeito em seu grupo (MEIHY, 2005).

Por haver este envolvimento entre entrevistado e entrevistador na busca pelas mais profundas dimensões da consciência do sujeito, há de se caracterizar este momento como uma experiência, um processo dialógico, isto é, que demanda duas pessoas em diálogo (MEIHY, 2005).

Segundo Lopes (2021, p. 91),

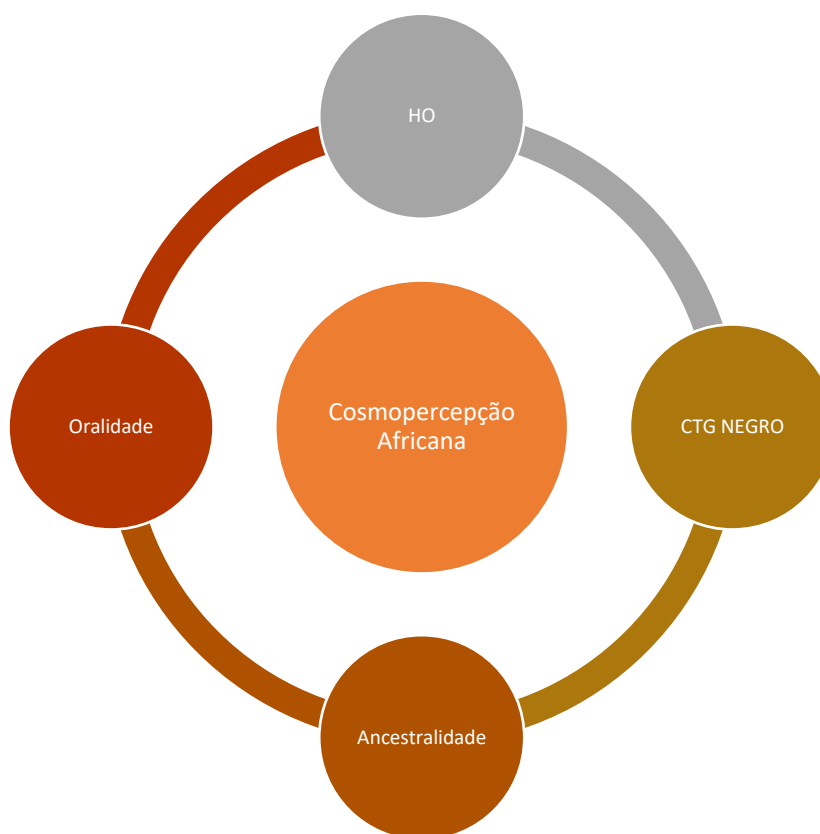
Nas narrativas há uma confiança dos sujeitos, homens e mulheres que, ao nos entregar depoimentos, confiaram o propósito de suas existências, das suas vivências e de suas experiências. Esta conjunção não haveria de acontecer sem o afeto, sem sentimento, a aproximação pode ser verificada por quanto se sentem à vontade aqueles que se sentem acolhidos, percebendo a entrevista como uma experiência existencial numa relação harmônica entre sujeitos e espíritos. O mais relevante, ao observar o resultado das narrativas, é ver que, ao aderir a este encontro existencial, temos momentos sublimes, ocasionados pela pessoa que narra sua existência. Essa dimensão humana do cientista e do homem só é possível em comunhão, em consonância, permitindo uma unidade entre seres.

Percebe-se o quanto a oralidade tem importância para a comunidade negra brasileira, ao pensar que vivemos mais de 300 anos de escravatura, onde o negro, para manter sua simbologia e cultura, teve no instrumento das narrativas, cânticos, religiosidades o método de manter e resistir sua essência diante de todo tipo de segregação e impedimentos. Resistindo a violência e a tentativa de homicídio epistêmico, gerações de escravizados foram construindo estratégias de sobrevivências complexas, tal como o sincretismo religioso, para que as futuras gerações pudessem conhecer sua linguagem e sua cultura. Conforme Lopes (2021, p. 88)

A tradição oral para os povos africanos e afro-brasileiros é de suma importância, a relevância da palavra se conjuga a partir de processos de divinização da fala, sempre a tentativa do colonizador foi por fazer com que os negros escravizados apartassem a sua memória do seu espírito, essa primitiva tentativa de separar razão e emoção talvez explique muito sobre a Cosmopercepção Africana. O ritual de dar voltas na “árvore do esquecimento” confirmam esse interesse do colonizador em “apagar” as lembranças de negros e negras, como exemplo disto podemos citar que desde a retirada dos negros da África, até a distribuição dos escravos nas regiões mantidas pelo regime, não havia preocupação em manter as famílias ou nações (tribos) unidas ou as hierarquias encontradas em/na África, mas separaram pais de filhos, esposos de esposas, colocaram reis e súditos na mesma condição; idosos, adultos e crianças tornaram-se escravos, sem se respeitar a idade nem o que eles representavam na cultura africana.

A estes impedimentos colocados aos negros pela colonialidade seguem-se tanto outros, seja através da legislação, com leis para impedir o acesso à terra e a plena cidadania, ou no apagamento de nossa memória, na destruição/proibição do nosso fazer cultural, ou seja, foram inúmeros processos de violência física e epistêmica contra o povo negro. A oralidade tornou-se o fio condutor da resistência, permitindo, de fato, a existência do negro em si, tanto no passado quanto na contemporaneidade, este texto pode ser escrito porque ancestrais proveram este conhecimento através da Tradição Oral. A Figura 15 apresenta um esquema Metodológico desta pesquisa com base na Tradição Africana.

Figura 15 – Esquema metodológico da pesquisa



Fonte: elaborada pela autora.

A Matriz Africana tem como um dos seus princípios a circularidade, o pensamento em ciclos da conta de formatar o movimento de complementariedade e retroalimentação, partindo da ancestralidade, sua influência basilar vai através da oralidade constituindo territorialidades, cultura e forma. A História oral objetiva a aproximação com este ciclo através dos sujeitos, que no caso estudado desemboca

na sua participação na formação dos CTGs Negros do Rio Grande do Sul, estruturas paradoxais e complexas que vêm ao encontro de comprovar a fundamental participação do negro na construção subjetiva do Território Gaúcho.

A lógica etnocêntrica, instituída pelas elites brancas no Brasil e perpetuada por séculos de racismo estrutural amparado na cultura binária (nós/eles) onde o nós em tese seríamos superiores a eles, tanto do ponto de vista do conhecimento quanto de valores morais e éticos, foi a base a construção de determinados padrões de relação no “ocidente”, neste “lugar” as civilizações africanas seriam atrasadas ou incivilizadas.

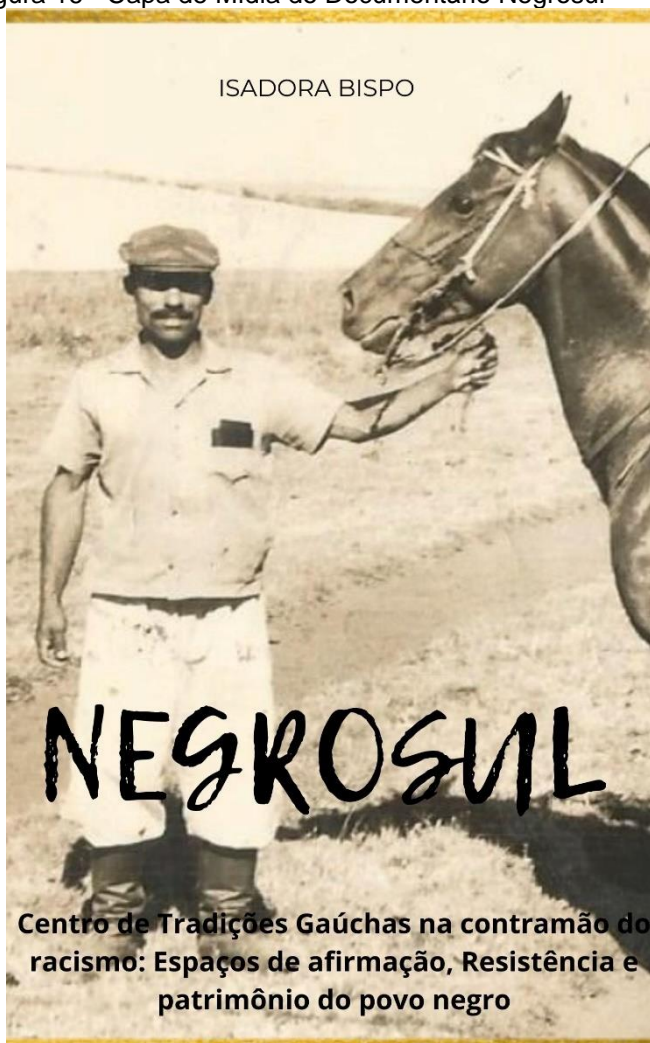
A partir da História Oral como método e do conceito de oralidade como paradigma, desconstrói-se esta visão equivocada do conhecimento superior, o simbolismo tem sua origem na África, nas cavernas e na arte rupestre milenar, não há como se reconstituir aspectos da civilização mundial sem considerar o papel do continente africano. Um povo que sobreviveu séculos a todo tipo de mazelas, permanecendo, existindo e resistindo, deveria ter seus instrumentos teóricos considerados no mais alto nível social e cultural.

Portanto, a metodologia construída nesta pesquisa, unindo tradição oral e história através das narrativas, vem ao encontro desta perspectiva atemporal que remonta aos antepassados, ao mesmo tempo em que está presente na percepção dos sujeitos. A sabedoria oral africana, através das narrativas, rompeu com esta separação, dando condições, no Brasil, de se reconstituir o mundo africano em sua completude, corpo e espírito, espaço e sujeito. As entrevistas, bem como o produto deste trabalho, vão no sentido de reconstituir estas pontes de ligação entre HO, Oralidade e Tradição Africana.

## 6 NEGROSUL: O DOCUMENTÁRIO

O documentário **NEGROSUL: Centro de Tradições Gaúchas na contramão do racismo: Espaços de afirmação, Resistência e patrimônio do povo negro** será viabilizado de narrativas orais em torno de lideranças e membros dos CTGs Negros, o Ronda Crioula em São Sepé e o Clareira da Mata em Caçapava do Sul. Nesta proposta, o alvo da ação partiu do princípio de construir imagens que trabalhem como canais de acesso ao universo de experiências e de valores culturais materiais e imateriais que repousam sobre a memória destes espaços. Na figura 16, aparece a Capa de Mídia do Documentário Negrosul.

Figura 16 - Capa de Mídia do Documentário Negrosul



Fonte: elaborada pela autora.



Na foto acima aparece o Sr. Ilo Lopes em seu cavalo no ano de 1946, onde o mesmo trabalhava como tropeiro, a foto escolhida remete ao cotidiano do homem negro gaúcho do campo.

Esta experiência do imaginário (sonoro e imagético) individual, que atravessa o universo destes indivíduos, permitiu acessar também o imaginário coletivo em torno da história local. Essa simbologia cinematográfica, conforme Ismail Xavier (2005, p. 103-104):

[...] sua linguagem é poética justamente porque ela faz parte da natureza. O processo de obtenção da imagem corresponde a um processo natural – é o olho e o “cérebro” da câmera que nos fornecem a nova e mais perfeitas imagens das coisas. O nosso papel, como espectadores, é elevar nossa sensibilidade de modo a superar a „leitura convencional “da imagem e conseguir ver, para além do evento imediato focalizado, a imensa orquestração do organismo natural e a expressão do estado de alma “que se afirmam na prodigiosa relação câmera-objeto (XAVIER, 2005, p. 103-104).

Nesse sentido, a linguagem cinematográfica traz uma proposta no sentido da necessidade da captação da real imagem que vem a despertar e acentuar a sensibilidade de quem a assiste.

Negrosul, o documentário, traz uma narrativa poética, sem, no entanto, negligenciar aspectos importantes relacionados a história local, bem como estas se relacionam no tempo e na história, por exemplo, o cotidiano das cidades.

Fazendo um mergulho na história do negro no Rio Grande do Sul, a luz da câmera, os entrevistados narram as histórias dos CTGs Negros, sendo o CTG Clareira da Mata na cidade de Caçapava do Sul e o CTG Ronda Crioula na cidade de São Sepé. A Figura 17, traz a imagem de Ofélia Lopes durante entrevista para este documentário.

Figura 17 - Imagem de Gravação: Entrevista com Ofélia Lopes no CTG Ronda Crioula



Fonte: Arquivo pessoal.

Além dos aspectos técnicos e narrativos, o documentário ressalta elementos sociais, atitudes de resistência, de combate ao racismo e diversidades de linguagens e representatividades de gênero de dentro destes espaços.

A Figura 18 apresenta a imagem da gravação na Estância do Jacu, do Sr. Ilo Lopes:

Figura 18 - Imagem de Gravação: Entrevista com Sr. Ilo na Estância do Jacu-São Sepé-RS



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na Figura 18 temos como cenário um dos berços de origem da população negra de São Sepé e Caçapava do Sul, a Fazenda do Jacu que, segundo relatório histórico, encontrado no acervo do CTG Ronda Crioula, teve origem em 1835.

O recurso da linguagem cinematográfica, na produção e registros de memória e saberes históricos, é encarado de forma bastante positiva quanto ao seu poder de abrangência, possibilidade de interação com o público-alvo e receptividade. O uso desta ferramenta, na construção sociocultural, como elemento transformador da sociedade e recurso didático para reinterpretação das relações histórico-sociais, torna-se bastante atrativo, uma vez que, houve uma ampliação no acesso aos recursos midiáticos. A Figura 19, traz a imagem do Sr. João Batista durante processo de gravação.

Figura 19 – Imagem de Gravação com João Batista durante gravação no município de Caçapava do Sul



Fonte: Arquivo pessoal.

O cenário de gravação da Figura 19 mostra o ateliê do guasqueiro João Batista, local que traz, em suas paredes, histórias do cotidiano do gaúcho do campo, e que emociona o entrevistado ao lembrar delas.

Geralmente o uso destas tecnologias, em caráter meramente instrumental, é voltado à suposta reprodução de uma realidade pré-existente ou de situações inventadas, sem aprofundamento ou reflexão do que está sendo projetado, até mesmo porque se trata de uma realidade (ou não) distante do espectador. Partindo desta premissa, do poder e da abrangência da linguagem cinematográfica, inclui-se, como um dos objetivos desta pesquisa, estimular o interesse da sociedade pela decodificação da imagem no processo de significação da história: pessoal, familiar, do bairro e da cidade onde estão localizadas estas comunidades, através da história contada por agentes locais (interlocutores do processo) deste documentário.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como ponto de partida o entendimento sobre as razões para que grupos de cidadãos negros dos municípios de São Sepé e Caçapava do Sul no Estado do Rio Grande do Sul criassem CTG's Centros de Tradições Gaúchas vinculados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e quais foram seus objetivos e estratégias, principalmente no que tange ao paradoxo de se participar de um movimento, em tese, conservador e excludente de forma inicialmente contestatória, dado o período de fundação destas entidades.

A cada passo dado no processo de formação e experiência destes grupos, foram sendo reveladas bases estruturantes das tradições gaúchas, este trabalho alcançou, principalmente, cenários históricos e patrimoniais que evidenciam o gaúcho, como homem de vivência livre, no lugar de sua exelência, "o campo", e das "lidas" na área rural, em todas estas perspectivas temos a presença inconstante dos sujeitos negros. A invisibilidade destes na elaboração das ações do MTG, consubstancia o distanciamento e a classificação dos agentes da cultura gaúcha com a base popular escanteada, mesmo sendo esta quem de fato gerou o alicerce e as diretrizes do cotidiano, agora reformulados enquanto Cultura Tradicional Gaúcha.

Pode-se afirmar este diagnóstico como resultado do racismo estrutural que se apresenta no Território gaúcho de maneira contundente, dada a não aceitação, por parte de determinados setores da sociedade gaúcha, do sujeito negro como representante da nossa cultura.

Diante de uma história reificada, mesmo excluída, a população negra atuou em passados resilientes, tendo a compreensão que enquanto afro-gaúchos, para além de suas origens ancestrais, não só pertenciam a este solo, como também tinham influência direta na construção desta região, este fato é comprovado não só pela existência de CTG's que nos levam a afirmar o papel do negro rural sul-riograndese, mas também na luta pela visibilidade e pela cidadania plena gaúcha de todos negros e negras.

Nesse sentido, participando do cenário cultural contemporâneo do estado, porém, sem perder as identidades empíricas trazidas por sua ancestralidade de Matriz Africana, os sujeitos negros contribuíram para fazer a ligação do seu passado distante da diáspora com o passado recente neste território, esta união de temporalidades e culturas, através da oralidade e da história oral como elementos metodológicos,

possibilitaram que esta pesquisa constituísse resultados com base em aproximações com a cultura africana, indo ao encontro do objetivo central desta pesquisa: o resgate e a reconstituição da trajetória dos CTGs negros enquanto espaços de salvaguarda do patrimônio cultural afro-gaúcho, insurgentes contra o racismo.

Diante das narrativas produzidas pelos sujeitos desta pesquisa, concluo que estas considerações não são finais, sobretudo, pelo amplo horizonte aberto por este trabalho, onde o sujeito negro, Afro-gaúcho, revela-se como um ser multicultural.

Assim, percebo ser necessária a busca permanente da discussão em torno do sujeito negro gaúcho, que ao ocupar e se fazer presente neste espaço, o do tradicionalismo gaúcho, pode ser, ao mesmo tempo, membro de uma comunidade remanescente de quilombo, integrante de uma escola de samba ou líder de uma comunidade de terreiro. Este sujeito é aglutinador de várias tradições, todas elas de formas distintas, caracterizadas como patrimônios culturais, a interseccionalidade do sujeito negro torna-o ponto de encontro de várias dimensões e perspectivas, consolidando o ponto relevante da pesquisa.

Considerar esse panorama dentro dos CTGs negros é entender que os mesmos evidenciam-se como espaços de patrimônio cultural de resistência do povo negro gaúcho, uma história que merece atenção e deve continuar a ser documentada e contada.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019
- BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. **Carta de 9 de novembro de 1994 dirigida a Jaksam Kaiser**. 1994
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. pp. 693-713.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 05 out 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 23 maio 2019.
- CARVALHO, Daniela. **Fronteiras de Liberdade: Experiências Escravas de Recrutamento, Guerra e Escravidão (Rio Grande de São Pedro, c. 1835-1850)**. 2013. 372 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. **História do Rio Grande do Sul (uma nova visão de formação da terra e do povo gaúcho)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010.
- GODOY, Arilda Schimit. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995.
- FREITA, Miguel Arcanjo Junior; PERUCELLI, Tatiane. Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, p. 111-133, jul./dez. 2019.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- ESCOBAR, Giane. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra patrimônio e potencial**. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.
- ESCOBAR, Giane. **Para encher os olhos”**: Identidades e Representações Culturais das Rainhas e Princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal a Razão (1960-1980). Tese de Doutorado (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.
- GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.
- HALL, Stuart. **Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.
- HOBSBAWM, Eric J. **A Invenção das Tradições**. 10ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LIMA, Alessandra Rodrigues. **Patrimônio Cultural Afro-brasileiro: as narrativas produzidas pelo Iphan a partir da ação patrimonial**. 2012. 157 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LOPES, Lazie. **A Cascata de Xangô e os Sujeitos de Matriz Africana: Geografizando sentidos e Espacialidades no município de Alvorada**. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2021.

KAISER, Jaksam. **CTG de Negros - O racismo no tradicionalismo gaúcho**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, Tradição e Tradicionalismo: o caso do Gauchismo no Rio Grande do Sul. **Revista humanidades**, Campos do Caicó, v. 07, n. 18, nov. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/331/304>. Acesso em: 23 maio 2019.

MAESTRI, Mário. **Breve História do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos dias atuais**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2010.

MARTINS, H. H. T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai./ago. 2004.

MATTOS, Alessandro Nicolide. Conservadorismo: entenda o conceito em 4 pontos, 2017. **Politize!**, 6 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/conservadorismo-pensamento-conservador/>. Acesso em: 07 maio 2022.

MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MONTI, Verônica A. Martini. **O abolicionismo: sua hora decisiva no Rio Grande do Sul-1884**. Porto Alegre: Martins Livraria, 1985.

MOURA, Clóvis. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global Ed., 1983.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, maio-out/2012, p. 28-47.

OLIVEIRA, Franciele da Rocha. **Dos laços entre José e Innocência: trajetória de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul**. UFSM, Santa Maria, 2017.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no sul do Brasil**. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.



OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil - nação. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

MOVIMENTO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS – MTG. **História do MTG**. Disponível em: <https://www.mtg.org.br/historia-do-mtg/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20Movimento%20Tradicionalista,Julio%20de%20Castilhos%2C%20de%201947>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele, GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documento de uma militância pan-africanistas, Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVARIS, Manoelito Calos. **A Criação do Tradicionalismo**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://mtg.org.br/upload/EDITORIAIS>. Acesso em: 22 maio 2019.

SCHLEE, Rodrigo Lobato. **Guasqueiro é a arte gaúcha do couro cru**. 2013, Disponível em: <http://bagualonline.blogspot.com/2013/02/guasqueiro-e-arte-gauchado-couro-cru.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SOVIK, Liv . **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TAVARES, Eduardo. O invisível gaúcho negro. Um ensaio fotográfico. **Revista do Brasil** - Edição 102. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2014/12/o-invisivel-gaucha-negro-um-ensaio-fotografico-7388/> Acesso em: 04 jul. 2021.

TORRES. Luiz Henrique. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **BIBLOS**, v. 22, n. 1, p. 101–117, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/859>. Acesso em: 19 mar. 2021.

XAVIER, I. **O Discurso Cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZALLA, Jocelito. **O centauro e a pena**: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

ANEXO A – BRASÃO CTG RONDA CRIOLA – SÃO SEPÉ



**ANEXO B – BRASÃO CTG CLAREIRA DA MATA – CAÇAPAVA DO SUL**

**ANEXO C – ENCARTE DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA REALIZADA PELO CTG RONDA CRIOLA – SÃO SEPÉ**

# SER NEGRO



## PROGRAMAÇÃO DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

**17/11 -08:45 ÀS 16:00**

Palestra "Seja antirracista e transforme a sociedade"  
Palestrante: Deborah Evangelista

Amostra cultural  
Tambores: "O som que nos guia"  
- Markinhos Righi

Amostra Cultural  
Tranças Nagô- Identidade Negra  
- Nicolay Bibiano

Samba- "Patrimônio da humanidade"  
- Dani Moreno

Hora do conto - "Problemas de Junior"  
- Professora Aline Ribeiro

Turbantes- "Símbolo de resistência  
afirmação o da nossa ancestralidade"  
- Marcia Vidal

Brinquedos, brincadeiras e culinária  
da cultura Afro Brasileira  
- Prendas e Peões da Entidade

Roda de Capoeira e conversa -  
"Um ato de resistência"  
- Duda Capoeira e Paulo César Ficagna

Amostra Invernada Artística Tio Mino  
"Um sonho de paz"

**Realização:**



**Apoio:**



## ANEXO D – ENCARTE DA PROGRAMAÇÃO DA SEMANA FARROUPILHA REALIZADA PELO CTG RONDA CRIOLA – SÃO SEPÉ



**Semana Farroupilha 2021**

**CTG Ronda Criola**  
1978

**PROGRAMAÇÃO:**

**DIA 12 DE SETEMBRO**

- 1ª Rodada de Quebra - Local: Indio São Cig

**DIA 13 DE SETEMBRO**

- ALMOÇOS CAMPESES
- 12hs - arroz com galinha, feijão e acompanhamento  
Valor: R\$ 23,00.
- Expoje Cultural e Artístico
- 14hs Artesanato (caixa de sementes), salineta, brinquedos recicláveis, artesanato, não de tempo e apresentações artísticas com canto e dança.

**DIA 14 DE SETEMBRO**

- ALMOÇOS CAMPESES
- 12hs - arroz com galinha, feijão, salada e doces  
Valor: R\$ 23,00.
- Expoje Cultural e Artístico
- 14hs. Oficina Campesina - mostra de escola e Servidor Secretaria Municipal de Educação e Desenvolvimento e Prefeitura Municipal.
- 18hs. Live - Movimento Eco Cultural - Cig Ronda Criola -O Jovem Negro no Tradicionalismo-  
Conversa com os jovens para perpetuar os tradições.

**DIA 17 DE SETEMBRO**

- ALMOÇOS CAMPESES
- 12hs - Carre de porco frito, carne frango frito, arroz branco, feijão, macieira, salada e doce - Valor: R\$ 23,00
- 14hs - Roda de Conversa - Matéria (rodas) Bogo Advogado, ministrando em Petrópolis Cultural/UFPA  
Tema: Mulheres Negras no Tradicionalismo
- 18hs - Tivolo Criola

**DIA 18 DE SETEMBRO**

- 14hs - Concurso de Fandangos

**DIA 19 DE SETEMBRO**

- 12hs - Jantar Show com o Grupo Caracante
- Troca de Fatos dos Prêmios e Fatos
- Homenagem e entrega do prêmio de Concurso Literário promovido pelo Movimento Eco Cultural pelas 42 ruas do CTG - Prêmio do Cig Ronda Criola
- Condição: jantar especial, mesa circular, poltrona em estilo, arroz branco e salada - R\$ 23,00 - Doces: R\$ 3,00  
Out: prato fechado - R\$180,00 para 06 pessoas

End:  
Fátima - 9 9559 2884  
Marcelo Taveira - 9 9973 8167  
Debora Mello - 9 9164 3738